

AB *N. 214*

ENSAIO MEDICO-PHILOSOPHICO

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE O VALOR CLINICO

DA

ANATOMIA PATHOLOGICA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA ACTO GRANDE

APRESENTADA

À

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

Sob a presidencia do

EXC.^{mo} SNR. MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commendador da Ordem da Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Cavalleiro da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro d'Italia, Cirurgião Honorario da Real Camara, Lente da 6.^a Cadeira na Escóla Medico-Cirurgica do Porto,

PELO ALUMNO DA MESMA ESCÓLA

Illidio Ayres Pereira do Valle


PORTO:
TYPOGRAPHIA PORTUENSE
Rua do Ferreira Borges n. 21.
1863.

VIII/1º GENCO

ESCALA MEDICO-FILOSOFICA

ANATOMIA PATOLOGICA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

1842

ESCALA MEDICO-FILOSOFICA DO PORTO

La Médecine n'existerait-elle donc plus comme science, elle, qui existe toujours comme art ?... Oui, elle pourrait exister, dominant toutes les sciences, qui lui doivent leurs tributs; car elle a ses principes, que l'observation seule de l'homme vivant peut lui fournir.

TROUSSEAU ET PIDOUX (Traité de Therapeutique, Introduction pag. XCIII).

1842

1842



AO SEU CONTERRANEO

INTIMO AMIGO E COMPANHEIRO D'INFANCIA

0

ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOSÉ AUGUSTO LOPES DA SILVA

**BACHAREL EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA**

O.

O Author.

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Director

O Exc.^{mo} Snr. Conselheiro *Francisco de Assis Sousa Vaz*, Lente jubilado.

CORPO CATHEDRATICO

Lentes Proprietarios

Os Ill.^{mos} e Exc.^{mos} Snrs.

- | | |
|---|--|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia Geral e Descriptiva | <i>Luiz Pereira da Fonseca.</i> |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia e Hygiene privada | <i>José d' Andrade Gramaxo.</i> |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos, Materia medica e Pharmacia | <i>José Pereira Reis.</i> |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia e Therapeutica externas | <i>Antonio Ferreira Braga.
Caetano Pinto d' Azevedo.</i> |
| 5. ^a Cadeira — Operações e Apparelhos | |
| 6. ^a Cadeira — Partos, Molestias de parturientes e recém-nascidos | <i>Munuel Maria da Costa Leite.</i> |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia e Therapeutica internas | <i>Francisco Velloso da Cruz.</i> |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | <i>Antonio Ferreira de Macedo Pinto.</i> |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | <i>Antonio Bernardino d' Almeida.</i> |
| 10. ^a Cadeira — Pathologia Geral, Historia Medica, Anatomia Pathologica | <i>José Alves Moreira de Barros.</i> |
| 11. ^a Cadeira — Medicina Legal e Hygiene publica | <i>José Fructuoso Ayres de G. Osorio.</i> |

Lentes substitutos

- | | |
|----------------------------|--|
| Secção Medica | { <i>João Xavier d' Oliveira Barros.</i>
<i>Vago.</i> |
| Secção Cirurgica | { <i>Agostinho Antonio do Souto.</i>
<i>Vago.</i> |

Lentes demonstradores

- | | |
|----------------------------|----------------------------------|
| Secção Medica | <i>José Carlos Lopes Junior.</i> |
| Secção Cirurgica | <i>João Pereira Dias Lebre.</i> |

INTRODUÇÃO

O METHODO E A MEDICINA

I

Descartes — Bacon

Para bem apreciar as revoluções scientificas, que succederam em medicina apoz o apparecimento da anatomia pathologica, é necessario elevarnos um pouco na ordem d'idéas. A anatomia pathologica não concorreu tanto para ellas pelo contingente de conhecimentos, que vinha fornecer, como pelas tendencias philosophicas, de que fôra a representante em medicina. Mais á philosophia, que a ramo algum de conhecimentos especiaes, se deve ir buscar a origem de todas as grandes questões de principios. Apesar da multiplicidade de systemas, que ha dous seculos a tem legislado, a medicina moderna vae ainda em ultima analyse filiar-se toda nas duas escólas, que desde a época do renascimento das letras dividiram o campo philosophico. E a anatomia pathologica, nascida da direcção, que aos trabalhos scientificos imprimira uma d'essas escólas, fôra mais tarde a base, em que o *sensualismo medico* quizera apoiar as suas pretensões. Uma breve digressão esclarecerá melhor o nosso pensamento.

Fatigado das estereis discussões da *Escolastica*, e dos infructiferos debates do *nominalismo* e *realismo*, que tanto tempo occuparam as escólas da idade media, o espirito humano reconheceu finalmente a necessidade de se reconsiderar, estudar a natureza das suas relações com o mundo exterior, e procurar n'esses conhecimentos uma base solida, que pudesse servir de ponto de partida ás investigações futuras. A philosophia regenerara-se e circumscrevera-se, e a gloria da reforma cabe a dous grandes vultos do seculo xvii, *Descartes* e *Bacon*. E' n'elles, que irá parar, quem seguir a concatenção das idéas e das doutrinas dos seculos subsequentes. A medicina, que pelo objecto que estuda, é a sciencia, que mais relações tem com a philosophia, não podia deixar de sentir o impulso, que estes dous homens illustres imprimiram a todos os ramos de conhecimentos. Sentiu-o, porém d'um modo diverso para cada um d'elles. Como se a tarefa fosse grande para um só, os dous philosophos haviam-se partilhado entre si o mundo

philosophico : sempre dirigindo-se ao mesmo fim, cada um olhara-o por aquella face, e explorara-o por aquella via, que mais lhe suggeria a sua indole especial. Descartes, pela *rasão*: Bacon pelos *sentidos*. Um descia dos principios aos factos: o outro elevava-se dos factos aos principios. Um preferia a *deducção*: o outro preconisava a *inducção*. Tanto um como outro tinham razão. Inducção, deducção, são dous processos mui legitimos de chegar á verdade. No que porém a não tiveram, foi no predomínio exclusivo, que lhe concederam. A verdade não se divide, e os dous methodos philosophicos, complementares um do outro, não podiam isolados attingil-a. Em suas proprias tentativas d'applicações achariamos exuberantes provas d'esta asserção. Mas onde sobre tudo se revelou a sua insufficiencia, foi em medicina. Ahí, mais que em algum outro ramo de conhecimentos, é que o exclusivismo, coadjuvado por tudo quanto pôde suggerir a exaggeração e intempestivas applicações, conduziu a consequencias mais absurdas, senão mais desastrosas, lesando directamente interesses os mais caros á humanidade. A historia medica o attesta, a quem seguir a filiação das doutrinas, que nos dous ultimos seculos tem successivamente imperado na medicina.

II

Mecanicismo — Animismo

A reforma operada por Descartes fizera sentir-se mais rapida e immediata. Fundador d'uma escola philosophica, rico de cabedal scientifico, a reforma sahira de suas mãos quasi completa. Principios, methodo, applicações, tudo elle concebera, e executára com vantagem em muitos ramos de conhecimentos. A medicina porém é que se não casava muito com o seu modo de philosophar: a observação era muito sacrificada á hypothese; e a medicina é d'aquellas sciencias, cujas applicações não podem de modo algum prestar-se á verificação de concepções imaginarias. Descartes partira do principio, que no mundo ha só duas ordens de substancias; a *alma humana*, e suas leis methaphysicas, a *materia* e suas leis phisicas. Todo o phenomeno devia ser mental ou mecanico: não havia meio termo. Os animaes eram portanto puras machinas, a que só no homem vinha juntar-se uma alma incumbida dos actos moraes.

O ascendente de Descartes foi tal, que depois d'algumas oscillações, philosophos, medicos, litteratos, adoptaram estas opinioes, e esta logica. Acabara sobretudo de os convencer o impulso vigoroso, que imprimira ás sciencias physico-mathematicas, e desde então os progressos da medicina

foram subordinados aos de sciencias, cujos principios lhe eram completamente estranhos. Quando os medicos viram o resultado das applicações do calculo aos grandes phenomenos da natureza, julgaram-se authorisados a adaptar os mesmos meios d'explicação aos actos do corpo vivo. Phenomenos hygidos, moribidos, effeitos therapeuticos, nada houve, que a mania mathematica da época não invadissem. As importantes descobertas d'Harvey, Ruyisch, Swammerdam, que promettiam largos horisontes ao futuro da medicina, não fizeram por esta occasião mais que augmentar aquella tendencia viciosa dos espiritos. As leis d'equilibrio, as fricções, os attritos, as resistencias, as densidades, enxameavam as theorias medicas reinantes. Tudo era mecanica e hydraulica, onde a mecanica e a hydraulica são impotentes para dar a explicação d'um unico facto. Fascinara-os a riqueza alheia: e dominados, como estavam, pelas idéas cartesianas sobre a materia e a causa do movimento, viram-se homens taes como Hoffman, Boerhaave, Harvey, Borelli e outros, curvar-se ao jugo do *iatro-mecanicismo*, reconhecendo sempre a differença essencial, que separa os seres vivos dos corpos inorganicos; a physica da physiologia.

Entre elles porém houve um, mais consequente que os outros, a quem não pôde passar desapercibida a incoherencia das doutrinas *mecanico-humorales*, em que se perdiam seus contemporaneos na explicação dos actos vitais. Foi Stahl. Elle comprehendera muito bem a distancia immensa, que separa um phenomeno physico d'um phenomeno vital, e sentira perfectamente a impossibilidade absoluta da co-existencia das leis d'ordem physiologica, e das leis d'ordem physica n'um mesmo facto. Mas qual será então o principio capaz de lhe explicar a unidade vital do organismo na multiplicidade e no mecanismo das suas partes? Ainda aqui a influencia cartesiana o transviou. Fiel aos principios d'aquelle philosopho, Stahl continuara a vêr no homem só duas entidades: uma machina, em que se parecia com os animaes, e uma alma, que lhe communicava a intelligencia. Ora se a machina não pôde sêr ao mesmo tempo activa e passiva, motor e instrumento, aonde, senão á alma, buscar o principio d'acção? Esta idéa sorria-lhe tanto mais, que lhe era já bem conhecida a influencia do moral sobre o physico, que por uma ampla generalisação theorica quiz depois estender a todos os actos biologicos normaes e anormaes. Desembaraçado das extravagancias cabalisticas de Paracelso, e das theorias mecanico-chimicas de Boerhaave e Sylvius, o *naturismo* rejuvenescia no *animismo*. A medicina recobrava a sua autocracia: mas o problema, longe de estar resolvido, complicava-se em questões d'ordem mais elevada. Fugindo da physica, Stahl precipitava-se na metaphysica: e a psychologia e a moral vinham por seu turno pedir contas de direitos postergados.

Organicismo — Vitalismo

O caminho traçado por Bacon era indubitavelmente melhor. *Non exco- gitandum, quod natura facit, sed inveniendum*, dissera elle; e de facto a observação pura e simples dos factos, destituida de toda a idéa preconcebida, é o unico instrumento logico, que deve dirigir os primeiros passos no estudo das sciencias naturaes. Quando Bacon publicou o seu codigo, a escolastica perdera de moda: a observação achava-se já em voga, e os fructiferos resultados d'um tal methodo manifestaram-se desde logo em importantes descobertas, que vinham mudar a face de todas as sciencias. Mas no meio das riquezas, que o afan de descobrir accumulava de todas as partes, pensando só em multiplicar suas brilhantes conquistas, os sabios esqueciam-se, que acima dos factos estão os principios, e que estes diversificam, segundo a ordem de factos, de que são deduzidos. E' que a philosophia do seculo XVII achava-se muito eivada de *cartesianismo*: e preocupados, como estavam, com suas novas descobertas, faltava-lhes o tempo, e o recolhimento indispensaveis para a deducção d'esses principios, que só podem constituir a verdadeira sciencia, ligando entre si os materiaes dispersos, que a observação amontoara: e as theorias physico-chimicas continuavam ainda impondo seu jugo aos factos innumeraveis, que o ardor d'observar accumulava de todas as partes no territorio da physiologia e da pathologia.

Tornava-se indispensavel uma reforma. A contradicção era manifesta entre os factos e os principios. A reacção não se fez esperar muito tempo. Contrario ás opiniões que vogavam no seu tempo, Glisson é o primeiro a emittir a idéa, que «a materia é activa, dotada de forças proprias, intermedias entre ella e Deus», e no meio de abstrações e especulações, que recordam ainda muito o passado, deixa entrever a *irritabilidade* como propriedade innata á fibra organica. Hoffman, ainda mecanicista nas explicações parciaes, vai buscar as bases do seu systema ao *poly-psychismo* de Leibnitz. Bonet e Morgagni popularisam as investigações cadavericas. E finalmente Haller, lançando mão das idéas de Glisson, demonstra experimentalmente o grande facto da *irritabilidade*; facto immenso, que só elle muda completamente a face da sciencia, e colloca um abysmo entre as theorias medicas antigas e modernas. Uma nova philosophia, que se appellidava positiva, a philosophia do seculo XVIII, o *sensualismo* de Locke e Condillac, filho da reacção scientifica, vem ainda prestar-lhe o seu apoio. Exalta Bacon em prejuizo de Descartes; proclama o seu methodo o principio e o fim da sciencia; a observação e a experiencia como unicos meios de chegar á verdade;

es sentidos como fonte unica de conhecimentos; e completa assim uma reforma, de que o mundo scientifico ainda hoje accusa o jugo.

Enriquecida com as novas descobertas, fecundada pela nova doutrina, a medicina tomara logo uma nova feição. O *sensualismo* ensinara-a a não acreditar, senão o que era material e sensível. As descobertas d'Haller, e os trabalhos subsequentes de Bichat, revelavam na materia uma nova especie d'actividade. A anatomia pathologica forcejava por demonstrar a relação necessaria entre a perturbação dynamica e a lesão material. A analyse acostumara-a a ver órgãos, esquecendo o organismo. A reforma preparada por Glisson, começada por Hoffman, continuada por Bichat em anatomia e physiologia, penetra a final na medicina a favor dos progressos da anatomia pathologica, e o *organicismo* é o resultado completo da cooperação d'aquelles elementos: é a exacta expressão medica do *sensualismo philosophico*.

A revolução scientifica fôra muito profunda, para não trazer após si as exagerações systematicas. Como sempre succede em casos taes, a reacção excedera-se e ultrapassara a meta. Até alli desprezara-se a observação, para não ver senão as concepções do espirito: depois abusou-se dos sentidos e da analyse para não ver senão a materia. Todos os *enormonta*, *espiritos*, *pneumata*, *forças*, *archeos*, todas essas velhas *ontologias*, que a imaginação fecunda dos antigos inventara, foi tudo banido do mundo real. A alma mesma, negada em metaphysica por Hume, materialisada e mutilada em physiologia por Gall, deveu a um resto de fraqueza, e ao poder d'antigas crenças, a immundade dos seus privilegios. Assim o queriam as consequencias extremas do sensualismo. Mas aonde irá então a medicina buscar a potencia, que lhe occupe o throno vago pela proscricção das velhas entidades? A *irritabilidade* d'Haller descobrira a solução da questão. Dotou-se a materia de mais algumas propriedades, as propriedades vitaes, mas que d'esta vez eram bem apanagio seu, que lhe pertenciam, como a attração pertence á pedra, e não meços attributos d'um ser de rasão. A sciencia da vida ia assim engrandecer com seus vastos dominios o territorio da physica. Se a distinguia o assumpto, aproximava-a o methodo e a ordem de principios. D'ahi á unitariêdade a distancia era pequena para poder sustentar-se. O *vitalismo organico* era a porta, por onde o *materialismo* achava outra vez o meio de invadir a medicina. Impellidas por seus progressos mais rapidos, as sciencias physicas não tardaram em disputar-se a sua auto-cracia. A cada descoberta physica, a cada applicação chimica, julgou ter-se descoberto o *quid ignotum* dos factos vitaes: e apesar dos protestos da razão e da logica, apesar dos desmentidos incessantes da experiencia, as endosmoses, as precipitações, as catalyses, as affinidades, ainda hoje usurpam uma boa parte n'algumas obras contemporaneas.

Tal fôra o caminho seguido pela medicina depois da reforma de Bacon. Não eram estas por certo as vistas do illustre chancellor, quando procla-

mara a observação e o methodo inductivo, como as unicas veredas da sciencia. O sensualismo, exagerando-as, alterou-lhe as intenções. Todavia forçoso é confessar, que o mesmo Bacon exagerava a potencia do seu methodo, quando por elle só pretendia fundar definitivamente a sciencia, e nivelar as intelligencias. Não ha duvida, que os factos são os materiaes indispensaveis á constituição da sciencia, e que a analyse pura e singela é o unico instrumento logico, que deve dirigir as primeiras investigações: mas phenomenos sensiveis sós não fazem sciencia: podemos accumulal-os, agrupal-os, confrontal-os, nunca d'elles tiraremos outra cousa, que meras generalisações, simples classificações d'Historia Natural, como o *nosographismo* de Pinel, ou estatisticas, a cujas medias o *numerismo* quer dar o nome imponente de leis. Elevar-se dos factos ás leis, das leis aos primeiros principios, não é dado a qualquer, sejam quaes forem as regras, com que se tenha a pretenção de ensinar a fazer boas inducções. Entre a noção limitada do facto, e a noção mais ampla da causa, que o contem, ha um abysmo, que só o genio é capaz de transpôr. Não foi por certo a pesar todos os corpos por meio de frascos e balanças, que Archimedes descobriu a lei, que o immortalizou, nem a observação directa de todos os phenomenos da natureza physica, que conduziu Newton ao grande principio da attracção universal. O mesmo Bacon nos fornece a prova da insufficiencia do seu methodo, quando para nos provar a utilidade da sua applicação, se perde em aberrações sobre a forma, e a essencia do calor. Observação, e methodo inductivo, não são pois bastantes: a deducção é o complemento necessario e indispensavel da inducção. E' preciso que uma observação ulterior mais ampla venha verificar as concepções do genio. A synthese é a contra-prova da analyse. Sem o concurso d'ambas não ha sciencia verdadeira, porque a synthese e a analyse não são dous methodos diversos de chegar á verdade; são dous processos do mesmo methodo, o methodo unico philosophico, e dos quaes um suppõe necessariamente o outro. Sem analyse não ha sciencia: a rasão debate-se no vacuo, porque os factos são seus unicos meios d'informação. O espirito perder-se-ha no *dogmatismo* e no *ontologismo*. Sem synthese não ha sciencia, porque materiaes só não bastam á construcção d'um edificio: o *empirismo*, o *materialismo*, ou um systema acanhado, como tantos por ahí tem havido, serão consequencias inevitaveis d'um tal modo de philosophar. E' a adopção demasiado exclusiva d'um ou outro d'estes methodos, é a preeminencia muito absoluta dada aos sentidos ou á rasão, como fontes unicas do saber, que tanto tem feito oscillar a medicina á mercê da escola que mais voga tem.

.....

Entre os numerosos systemas, que se dizem legislados pelo *Novum Organum*, e filhos legitimos da observação e da experiencia, ha um, que so-

bresahé entre os outros pela differença dos seus principios. E' o *vitalismo* de Barthez. Dizemos de Barthez, porque hoje, que todas as escolas querem chamar-se *vitalistas*, e que se contam pelo menos tres especies de *vitalismo*, a designação do fundador é accessorio indispensavel. O *vitalismo* de Barthez não é todavia oriundo da reforma, nem foram os preceitos do *Novum Organum*, que presidiram á sua constituição como systema. As suas bases haviam sido lançadas vinte seculos antes pelo pai da medicina, e no meio das revoluções, porque passou esta sciencia, a escola de Montpellier ufanou-se sempre de ser a fiel depositaria das velhas tradições hippocraticas. Os preceitos de Bacon, applicados por Barthez á medicina, vieram coordenar, e dar uma forma mais philosophica a um systema, que já dominava um principio preestabelecido. Affastal-o igualmente do *organicismo* e do *animismo* era o fim, que se propunha o illustre chefe da escola de Montpellier. Tal como elle nol-o apresenta, o seu *principio vital* não é um agente substancial, como a alma de Stahl; não é um apanagio da materia, como as *propriedades vitaes* de Bichat; não é mais, que uma abstracção, um signal mnemonico, um — x — algebrico, que serve apenas para representar a causa desconhecida dos factos vitaes, sem adiantar cousa alguma sobre a natureza d'essa causa, para se limitar unicamente á determinação experimental das leis da sua acção, taes como se revelam nos phenomenos. Bem analysados os factos, bem deduzidas e verificadas as leis, o systema ficaria sempre verdadeiro, fosse qual fosse a potencia, que indagações ulteriores viessem substituir á formula puramente logica da causa vital.

Seria isso possivel, e essa causa ficaria assim reduzida a uma pura existencia nominal? Parece-nos que não: mesmo para Barthez, essa causa, ainda que de natureza desconhecida, era alguma cousa, que tinha existencia distincta e independente. A substancialisação do *principio vital* revela-se em toda a parte dos seus escriptos, e nos do seu illustre interprete e continuador o professor Lordat. Tantas analogias com a alma, tantos attributos e propriedades positivas não poderiam fluctuar no vacuo, nem pertencer a um puro ser de rasão. O *vitalismo* de Barthez liga-se por este lado á escola espiritualista, e deriva da mesma fonte que o *naturismo* e o *stahlianismo*. E posto que entre elles se não possam negar differenças consideraveis, são taes as suas relações d'affinidade, mormente com o ultimo, que muitos os querem identificar. Mas pondo de parte todas as questões, que possa suscitar a natureza do seu *principio vital*, o que para nós é fóra de duvida, é que ninguem como Barthez soube tirar partido em medicina do methodo analytico com applicação á therapeutica, e que a sua doutrina dos *elementos morbidos*, vasto trabalho d'analyse e de synthese, que é para a medicina, o que o methodo natural é para a zoologia e botanica, será sempre um dos mais bellos padrões de gloria do distincto professor da escola de Montpellier.

Situação

Organicismo, vitalismo, com esta ou aquella feição, são depois da reforma os dous polos, entre os quaes se debate o pensamento medico, e debaterá talvez largo tempo, porque a questão, que ahi se agita, tem raizes de vinte seculos, e pertence menos á medicina, que á philosophia geral. Descendentes directos das escolas platonica e peripatetica, o *organicismo* e o *vitalismo* são em medicina os representantes d'uma opposição fundamental do pensamento, que apparece por outros termos em todas as espheras de conhecimentos. Disfarçados com nomes diversos, vestidos á feição da época, é sempre uma ou outra idéa, que preside a cada nova evolução scientifica. *Cos e Alexandria. dogmatismo e empirismo, animismo e chimismo, dynamismo e mecanicismo, vitalismo e organicismo, Paris e Montpellier*, é a questão eterna da *Academia* e do *Lyceu*, do *espiritualismo* e do *materialismo*, dos *nominaes* e dos *reaes*, de *Descartes* e *Bacon*, de *Leibnitz* e *Condillac*, debatendo-se no campo da medicina. Modificados na forma, amplificados na substancia, era sempre o mesmo fundo, aquelle que a philosophia reinante impunha, que constituia a base de tantos systemas, que dominaram aquella sciencia.

O ultimo senhor do campo foi o *organicismo*. Ainda ha pouco dominador quasi absoluto, o seu prestigio está muito decahido. A anatomia pathologica, theatro da sua elevação, fora-o tambem da sua ruina. Com *Broussais* expirára a sua mais brilhante expressão, e desabara o seu mais firme sustentaculo. Mas com a queda da doutrina physiologica, parece que se rompeu o laço, que prendia n'um só todos os factos medicos. A' sua ruina succedeu a confusão. O estado actual da medicina assemelha-se bem ao estado social, que succede aos grandes cataclysmos politicos. E' uma época de transição. Ha ahi *chimismo*, ha *numerismo*, ha *empirismo*, ha *solidismo*, ha *vitalismo*, ha *humorismo*, e ha até agora nma nova especie d'*animismo*, o *vitalismo psychico* ou *neo-hippocratismo* de *Recamier* e *Cayol*, em que a força vital é considerada uma faculdade da alma. Ha tudo isso em separado, e ha-o tambem confundido, misturado e amalgamado. O *eclectismo*, nome pomposo, com que se baptisou essa miscellanea extravagante d'idéas as mais contradictorias, systema, que consiste em não ter systema, *architecto da confusão e da desordem*, é a feição culminante da época; é o véo com que se pretende encobrir a carencia de principios philosophicos.

Tal estado não póde ser duradouro. Felizmente, que em quanto a desordem reina nas altas regiões especulativas, os meios d'analyse multipli-

cam-se, e a observação continúa incessante a alargar os horisontes da sciencia. Os preceitos de Bacon por este lado ao menos não foram perdidos. A actividade scientifica, que hoje se desenvolve, coadjuvada pelos poderosos meios auxiliares, que nos fornecem as sciencias accessorias, não tem igual nos annaes da medicina. Tantas riquezas accumuladas não podem ficar improductivas. A philosophia espiritualisa-se outra vez, sem comtudo negar o testemunho dos sentidos: e segundo parece inferir-se das obras mais recentes, a medicina tende a tomar a mesma direcção. Não é para estranhar: a philosophia sendo a formula geral, de que as outras sciencias são applicações especiaes, é forçoso, que a sua côr venha reflectir-se sobre ellas. Cahir-se-ha porém outra vez no *ontologismo*, e o espirito humano estará sempre condemnado a estas alternativas? Cremos que não; o contrario seria fazer injuria ao character progressivo da humanidade. As duas escôlas rivaes, não sendo, como diz Auber, senão as duas metades d'um todo, que se desuniram violentamente por um trabalho analytic, sem pensar em as reconstituir syntheticamente, seja-nos permittido esperar com o mesmo author, que «*l'organicisme et le vitalisme se résoudront un jour dans une splendide unité, qui absorbera la raison des deux systemes.*» (1)

(1) *Esprit du vitalisme et de l'organicisme*, pag. 35).

PRIMEIRA PARTE

A ANATOMIA PATHOLOGICA E A THEORIA MEDICA

I

Considerações preliminares

Ha ahi muito quem pense ainda hoje, que a anatomia pathologica é uma excrescencia no ensino medico, assumpto de mera curiosidade, destituido d'interesse pratico : e outros, que, professando o extremo opposto, a reputam a unica base solida, sobre que possa apoiar-se todo o edificio medico. Longe de nós o exclusivismo de qualquer das opiniões. Não crêmos, que em ramo algum de conhecimentos haja uma via d'indagações, que seja inutil explorar, mormente em medicina, onde se agita a solução de questões d'importancia capital: trata-se ahi, como diz Baglivi, *de pelle humana*, e esta só consideração é bastante a justificar as mais minuciosas investigações, de que se possa suppôr alguma illucidação sobre qualquer dos numerosos problemas, que somos chamados a resolver. E demais, para qualquer medico destituido de prejuizos são obvios os aperfeiçoamentos, que certas partes do diagnostico receberam das investigações cadavericas. Se o espirito de systema alguma vez exagerou estas vantagens, e fez dar á sciencia alguns passos retrogados, não será pelo abuso, mas pelas suas justas e legitimas consequencias, que nos deveremos pronunciar sobre o valor d'uma doutrina.

Tambem não podemos convir com os segundos, que a anatomia pathologica seja a pedra angular da medicina: ver na lesão organica o ultimo termo do processo morbido é parar a meio caminho. Se uma philosophia materialisadora, se as tendencias todas experimentaes da época, se a novidade da cousa fizeram dar á anatomia pathologica uma importancia exagerada, e ver n'ella o *non plus ultra* da sciencia medica, a instabilidade de tantos systemas, que ahi procuraram o seu apoio, e que cahiram no mesmo terreno, em que se julgavam mais solidamente firmados, são uma prova sufficiente, se a não dera já razão, que não é á morte, que se devem perguntar os segredos da vida.

A anatomia pathologica está hoje definitivamente julgada pela maioria. Se não pôde sustentar o logar que a escola organica lhe queria outorgar, não deixa por isso atravez de todas as suas vicissitudes de ser uma mina fecunda em proveitosos resultados. Comprovou ainda mais uma vez antigos dogmas da sciencia: creou o estudo das lesões organicas: completou a historia das

doenças, preenchendo, o quanto possível até agora, o vacuo existente entre o symptoma e a modificação vital primitiva: aperfeçoou a semeiologia, enriqueceu a cirurgia, deu firmeza ao diagnostico, esclareceu a therapeutica, e constitue hoje um corpo de doutrinas, cujo conhecimento se torna indispensavel a todo aquelle, que quizer interpretar e estar ao nivel dos progressos da sciencia moderna.

O valor clinico d'essas doutrinas, no *passado* e no *presente*, será o assumpto projectado das duas partes d'esta dissertação.

II

Bonet — Morgagni — Bichat

A anatomia pathologica nasceu na época, em que os preceitos de Bacon, fazendo convergir sobre a observação os espiritos cançados das argucias escolasticas, tirava d'ella um mundo novo de conhecimentos. Não, que o germen d'esta sciencia se não encontrasse nos escriptos antigos. A datar d'Hippocrates, (De morbis, lib. 1) onde se acha já por exemplo descripção dos tuberculos, do seu desenvolvimento, da sua marcha; d'Areteo, a quem não eram desconhecidos os effeitos das lesões cerebraes, segundo affectam um ou outro lado do cerebro; da escola d'Alexandria, cuja direcção anatomica é bem conhecida, de Galeno, Alexandre de Tralles, e outros em cujas obras se poderiam encontrar alguns factos comprovativos d'esta asserção, a sciencia organica acha-se instinctivamente no pensamento dos grandes homens, e no fundo de todas as doutrinas. Mas essas representações parciaes não podem ainda considerar-se a sua expressão racional. Os factos d'anatomia pathologica não se multiplicaram senão a partir da época, em que Bacon, propondo Baillou para modelo, fêz nascer em todos os medicos o desejo de completar as historias das doenças pelas observações cadavericas. Favoreceu-os tambem n'essa época a diminuição progressiva do antigo prejuizo supersticioso, que se oppunha ás investigações anatomicas: e quando Theophilo Bonet empreendeu compôr a sua vasta compilação achou já abundantes materiaes, dispersos n'uma multidão d'escriptos e memorias de diferentes datas.

É pois em Bonet, que a anatomia pathologica cmeça a constituir-se um corpo de doutrina, sem que todavia possa ainda aspirar aos sóros de sciencia. O seu *Sepulcretum* ou *Anatomia pratica*, publicado em 1679, trinta annos depois da apparição das obras philosophicas de Bacon, resume em si todos os trabalhos preteritos. É uma colleção d'observações de doenças terminadas pela morte, e seguidas de necroscopia. D'estas mesmas ha poucas, que pertençam ao author. Quasi todas são tiradas de Fabricio de Hilden

de Bailly, Wepfer, Rivière, das Ephemerides dos Curiosos da Natureza, mas sobretudo dos trabalhos de Willis e Baillou. A maior parte d'ellas é muito imperfeita, pobre em descripções e minuciosidades, e o espirito philosophico, que as domina, ressentese muito de *Galenismo*. São effeitos de materias morbificas quasi todas as alterações, que se encontram, e estas mesmas são antes consideradas como causa da morte, que como causa ou essencia da doença. O que o author procurava sobretudo era explicar a morte, e bastavalle o apparecimento da mais pequena desorganisação palpavel para ver n'ella a confirmação das suas theorias humoraes, e a resolução do problema desejado. Um outro ponto de vista, particular a Bonet e ao seu seculo, é a attenção especial, que se presta ás alterações raras, maravilhosas, e extraordinarias. E era tal a importancia, que se dava a estes factos raros, que é sobretudo á cata d'elles, que os contemporaneos de Bonet, e alguns mesmo posteriores, como Thomaz Bartholin, Blaes, Hent, Wander e outros consagraram as suas viglias. Vê-se, pois, que as autopsias cadavericas eram antes assumpto de curiosidade, que de verdadeira utilidade pratica, e que os trabalhos de Bonet em cousa nenhuma fizeram progredir a arte de curar, nem lhe deram a idéa de introduzir alguma innovação importante nas theorias dominantes do seu tempo. Ainda assim, imperfeito como era o *Sepulcretum*, denotava tendencias decididas á exploração d'uma via promettedora, e não tivesse elle outro resultado mais, que o de ter inspirado o tratado—*De sedibus, et causis morborum* de Morgagni, seria isso bastante para gloria sua.

Entre Bonet e Morgagni acha-se ainda um medico francez, chamado Barrère, professor em Perpignan. Este author publicou em 1775 um pequeno volume escripto em francez sobre anatomia pathologica, que era apenas o resumo d'uma obra grande, em que elle se propunha descobrir as causas occultas das doenças, e estabelecer signaes para facilitar o prognostico, e encaminhar a therapeutica. Todavia appareceu apenas o seu opusculo, que sem adiantar grande cousa a sciencia, torna-se comtudo notavel pela concisão e severidade no enunciado das proposições geraes sobre cada genero de lesão organica.

A época de Morgagni mostra já tendencia a assumir um novo character. A anatomia pathologica começa a tornar-se uma sciencia. Em logar de querer explicar a morte, Morgagni procura antes explicar os symptomas, e dar a razão da doença, mostrando muito cuidadosamente as relações entre os phenomenos funcçionaes e as alterações organicas. E' isso sobretudo, que distingue a obra immortal do discipulo de Valsalva dos trabalhos analogos emprehendidos antes do seu. Tambem nenhum outro apresentou uma massa tam imponente de factos authenticos, descriptos com tanta clareza e exactidão, e interpretados com tanta sagacidade. Os casos raros deixam de ser os unicos, que teem o privilegio de captar a attenção dos medicos. Nas seiscentas observações, que nos legou, acham-se exemplos de todas as doenças, e

d'estas as mais communs são aquellas, que lhe merecem um estudo mais profundo.

A anatomia pathologica deixava pois de ser objecto de luxo, para se tornar assumpto d'utilidade pratica. As tentativas de Morgagni eram todas dirigidas a illucidar a semeiotica, e o seu fim é tam claramente indicado, que elle mesmo se propunha fazer uma tabella, em que se encontrem d'uma parte o symptoma, e a da outra a lesão organica correspondente. Tentativa baldada, que o entusiasmo da sua criação lhe suggeria possível, que uma escóla inteira se esforçou por levar a cabo, até que a mesma anatomia pathologica se incumbisse de a mostrar por emquanto irrealisavel. Ainda assim o pensamento era bom e fecundo, e condizia perfeitamente com as tendencias, a que as descobertas d'Haller pela mesma época davam origem. A physiologia experimental d'um lado, a anatomia pathologica do outro, uma reconhecendo a irritabilidade como propriedade da materia, a outra mostrando a alteração material a acompanhar sempre a modificação funccional, eram os dous esteios, em que iria basear-se uma nova doutrina medica. Eram a prova e a contra-prova palpaveis da actividade propria da materia organizada.

D'ahi a dominar a medicina havia só um passo. Não foi Morgagni que o deu: nem as suas aspirações se elevavam a tanto, nem a sciencia tinha ainda a duração e a consistencia sufficientes para se tornar o nucleo d'um systema medico. Em Morgagni a anatomia pathologica adquire os foros de sciencia, mas as vistas d'este medico e as dos que lhe succederam até ao começo do seculo 19, Borsieri, Sandifort, Camper, Portal e outros são ainda sómente esclarecer a semeiotica. As indagações multiplicam-se, os factos accumulam-se, o ardor pelas analyses necroscopicas toma incremento, mas a direcção da sciencia não muda: marcha sempre na mesma via; o estudo das relações entre a alteração organica e o symptoma.

Nas mãos de Bichat toma a sciencia um novo rumo. Já se não trata como em Bonet de estudar as alterações organicas como causa da morte, nem em Morgagni como causa ou essencia da doença. A anatomia em Bichat tenta illucidar e quasi que explicar a propria vida. A sua *Anatomia geral*, as suas immortaes *Investigações sobre a vida e a morte* são o ponto de partida da doutrina organica. E' d'elle em diante que a influencia da observação anatomica sobre a medicina se torna inteira e completa.

Em physiologia Bichat marchava sobre as pizadas d'Haller. As suas *propriedades vitales* são a continuação das descobertas do creador da physiologia experimental. Em anatomia, onde mais que em parte alguma revelou o seu genio observador e soube ampliar os limites da sciencia, são sobretudo as alterações cadavericas, que lhe merecem especial attenção. O estudo das analogias, que estas alterações apresentam nos diversos órgãos, e a sua comparação com o estado normal são o ponto de partida da sua divisão de teci

dos e criação da anatomia geral, e da elevação da anatomia pathologica á categoria de sciencia independente.

Do espirito, que presidiu ás investigações de Bichat, era facil de ver, que, encontrando no cadaver apenas órgãos e tecidos, o estudo das partes havia de fazer perder de vista o estudo do todo: que uma alteração qualquer das propriedades vitaes deveria sempre revelar-se por lesão organica: que as diatheses, as doenças geraes e essenciaes deveriam ser banidas da pathologia: que a indagação da séde seria o principal problema que importava resolver á vista d'uma doença. Bichat previra as consequencias das suas idéas, e elle mesmo se propunha fazer uma applicação d'ellas á pathologia e á therapeutica, se uma morte prematura o não roubasse á sciencia.

Os seus trabalhos, porém, não foram perdidos. Uma vez assentadas as bases, reformada a anatomia e a physiologia, a reforma da pathologia e da therapeutica seriam consequencias forçosas. Outras mãos tomaram bem depressa á sua conta o complemento da obra. A anatomia pathologica em breve teve a pretensão de subjugar a medicina. Todavia, como sempre succede, quando um objecto pode ser encarado por varias faces, e que cada um se obstina em não ver senão uma, as divergencias começaram quasi desde logo. Duas escolas se originaram ácerca do espirito, que deve dirigir as investigações anatomicas. Uma mais physiologica que anatomica procura referir as lesões organicas aos estados physiologicos: estuda a lesão não tanto em si, como nas suas relações com as causas e effeitos. Outra puramente anatomica concentra-se mais na disseccão attenta, importando-se pouco se além da inspecção anatomica ha algum meio de reunir, o que parece dissimilhante e heterogeneo. A primeira é o *physiologismo anatomico*, cujo chefe e mais brilhante expressão foi Broussais. A segunda é o *nosologismo anatomico*, presidido por Laennec.

A precipitação, o exclusivismo perdeu-as a ambas. A primeira, referindo por uma synthese prematura todas as alterações a uma unica modificação physiologica quantitativa, anniquilava d'uma vez toda a nosologia e materia medica, e fazia da pathologia um ramo da physiologia. A medicina precipitava-se n'um *dogmatismo* perigoso. A segunda, preza á observação anatomica, e distinguindo tantas affecções particulares, quantas são as lesões organicas, reconstituia uma nosologia e uma materia medica toda de especificidades: quebrava toda a ligação entre a physiologia e a pathologia, e mergulhava a medicina no empirismo. Tanto uma como outra dominadas pelo aphorismo, *que toda a desordem funcional suppõe uma desordem material*, e offuscadas por tantas descobertas do escalpello, por tantas applicações felizes, esqueciam, que no corpo humano havia mais alguma coisa que solidos, mais que doenças locaes, e mais que influencias esporadicas. A consideração assidua da séde das doenças fazia-lhes perder de vista as diatheses, as epidemias, as doenças geraes, as alterações de liquidos, e confun-

dir em detrimento da pratica, doenças do mesmo fundo, de lesões organicas semelhantes, mas de expressão symptomatica diversa, e vice-versa. As discussões das duas escolas preoccuparam muito tempo o mundo medico do seculo 19: a época actual, no meio do eclectismo, que abafa as convicções, ainda se ressentente da sua influencia. Já por isto, já pela natureza do assumpto, julgamos a questão digna de mais amplo desenvolvimento.

III

Brown — Broussais — Ontologismo

Quando appareceu o systema de Broussais, a medicina achava-se ainda debaixo da influencia do *Brownismo*. Estranho ás investigações, com que a anatomia pathologica ia enriquecendo a medicina, o systema de Brown era o espirito moderno enxertado nas idéas antigas. Se por um lado a *irritabilidade* d'Haller o ensinara a não ver nas doenças senão quantidades para mais ou para menos, por outro lado a abstracção, que elle denominava *incitabilidade* recorda ainda muito as velhas entidades. Mais audaz, que Cullen, seu predecessor e mestre, a quem a mesma *irritabilidade* levava a dichotomisar as doenças em *spasmo* e *atonia*, mas que não ousara proclamar em therapeutica as consequencias legitimas de taes principios, Brown abolira d'uma vez toda a idéa d'especie em pathologia e therapeutica, reduzindo todas as doenças a duas classes, quasi a uma, e todos os medicamentos a dous modos d'obrar, variaveis apenas na quantidade. Theoria e prática achavam-se em relação harmonica, e o systema apresentava um typo de regularidade e facilidade de deducção. A sua abstracção, *incitabilidade*, considerada independente dos orgãos e tecidos, e mostrando, que primeiro que tudo é necessario manter a unidade organica, permittia-lhe conservar as diatheses, e outros dogmas da velha medicina. O seu systema tinha uma certa simplicidade e regularidade mathematica, e que seduzia a seu pesar o espirito, sempre deixando campo largo a divagações de theoria.

Partindo do mesmo ponto, Broussais marchara por outro caminho. Todo possuido da philosophia de Condillac e Cabanis, nascido n'um paiz, e educado n'uma escola, em que a observação necroscopica era considerada patrimonio antigo, e em que illustres predecessores tinham por esse lado feito antever um novo futuro á sciencia, o seu espirito mais positivo não podia conceber a realisação d'abstracções. A principal idéa que presidiu á critica de Broussais era o anathema d'*ontologismo*, com que stigmatizava os antigos. Queria com isso dizer, que em lugar de fixar a sua attenção sobre phenomenos reaes, e que podessem cahir debaixo do dominio da observação, sobre o estado das visceras e a reacção dos orgãos, tinham substancialisado abstracções d'espirito: tinham creado seres, que se

esforçava por combater. Assim Brown, que não via senão *asthenia* em quasi todas as doenças, tinha feito da *asthenia* um ser, independente do estado dos órgãos: não tinha visto, que fazendo cessar um certo estado dos órgãos fazia cessar a *asthenia*, e que por conseguinte esta não tinha existencia propria e essencial. Assim os nosologistas, taes como Sauvages e Pinel, que tinham aggregado um certo numero de phenomenos exteriores, de symptomas, para lhes impôr o nome d'uma doença, tinham feito d'essas abstracções do seu espirito seres, que baptisaram com um nome: não tinham visto, que essas caracterisações exteriores das doenças não são toda a doença, e podem pertencer a affecções de natureza mui differente. Tudo isso era *ontologia*.

A critica era muito rasoavel. E' sem duvida incontestavel, que algumas differenças exteriores não constituem differenças essenciaes entre as doenças: que para a cura das doenças nós devemos procurar conhecer a sua natureza, tanto quanto nos seja possivel: que essa natureza das doenças nos é manifestada por circumstancias caracteristicas, que são outra cousa, que simples symptomas. Assim as febres exanthematicas, as febres intermittentes, podem dar lugar a symptomas mui differentes sem mudar de natureza: uma phlegmasia, uma nevralgia fazem nascer phenomenos exteriores, que variam conforme a sua sede, sem que por isso a sua natureza diversifique. Quaesquer que fossem os erros, em que o mesmo Broussais depois cahisse sobre a natureza das doenças, quaesquer que fossem as imputações d'ontologia, que a elle mesmo se podessem depois lançar em rosto, o que é certo é que a sua critica era muito fundada, e fazia reflectir sobre o que havia d'imaginario e arbitrario n'um grande numero de definições e classificações então em voga.

Até aqui tinha Broussais milhares de rasão. Infelizmente depois de ter tido rasão, a exageração e o abuso levaram-n'o por seu turno a desarrasoar. Pouco tardou em vêr em tudo *ontologia*. Quasi não era possivel exprimir um só pensamento, dizer uma só palavra sem ser ontologista. O vitalista, que dissera (*Traité de physiologie appliquée à la pathologie*), «*que a força ou potencia vital preeziste necessariamente ás propriedades, ou antes á propriedade fundamental dos tecidos... que a contractibilidade e a sensibilidade de relação são testemunhos evidentes da existencia da força vital, mas que não são a força vital, causa primaria, instrumento invisivel immaterial, que só podemos conhecer pela via do raciocinio;*» o medico que reconhecera *que essa potencia, que preside á formação, ao desenvolvimento e á conservação dos órgãos, é a que os restabece nas condições necessarias á vida e á saude, quando d'ella desviados por uma causa morbifica,*» abusou, excedeu-se na sua critica a ponto de perguntar, zombando, o que era esse ser chamado *natureza, principio vital, força medicatriz*. Não quiz comprehender, que se podesse, sem divagar em hypotheses chimericas, dar uma

expressão geral e abstracta de um facto geral como o da unidade vital, e das suas modificações diversas: julgou que quando se fallava d'um facto, que se determinava sempre uma causa substancial a esse facto. Começando bem, o seu zelo, talvez o seu character, o triumpho da sua doutrina levaram-n'o a estas consequencias extremas.

E todavia Broussais conhecia muito bem, que além do que nos podem fornecer os sentidos, ha alguma cousa, que só póde ser attingido pelo raciocinio: que acima da lesão organica ha a lesão vital que a domina. O seu espirito, pelo menos em quanto a localisação absoluta das doenças, e especulações phrenologicas lh'o não vieram offuscar, pendia bem para o vitalismo. Provam-n'o assaz as palavras acima citadas, e a critica acerba e vigorosa, que dirige á medicina das lesões, que arrogantemente se appellidava *medicina organica*, e á funesta tendencia que aos estudos medicos imprimia o *anatomo-pathologismo*. Ninguem como elle soube stigmatizar o costume, que tomavam os medicos contemporaneos de ver toda a doença no cadaver, e de se deixar desviar pelas analyses necroscopicas da observação, e da apreciação das causas da doença, dos phenomenos directos e sympathicos de reacção do organismo contra os agentes modificadores, e até mesmo da acção dos meios therapeuticos. «Este methodo d'instrucção medica, diz elle, (Examen des doctrines medicales, Prof. Andral) é o mais seguido nos nossos dias. O alumno, incumbido d'abrir e não de tratar, de verificar as alterações dos órgãos, enão de as prevenir, começa por se exercitar em prever as desordens, que vão apparecer á abertura de cada doente, que se avisinha da morte. A anatomia pathologica colloca-se assim em primeiro lugar no seu espirito. A medicina estuda-se pois hoje por um methodo em tudo opposto ao que se seguia antigamente: estudavam-se os grupos de symptomas, e comparavam-se depois com o estado dos órgãos, quando isso era possivel. Hoje, que todos os estudos começam pela anatomia, principia-se por comparar as differenças, que existem entre o estado normal e anormal, e fazem-se todos os esforços para submeter os grupos de symptomas ás alterações materiaes dos órgãos. D'ahi resulta um profundo desprezo pelos phenomenos de vitalidade considerados em si mesmo, ou pela physiologia pathologica, e a falta de noções exactas sobre o modo, porque a alteração d'esses mesmos phenomenos dá em resultado a producção das alterações organicas.»

Melhor, nem com mais fundamento, não é possivel criticar a funesta tendencia do *anatomo-pathologismo*. As paginas memoraveis do seu *Examen des doctrines medicales* serão sempre lidas como fructo, quando se trate de apreciar o valor de theorias medicas. Mas como é então, que, censurando tanto a direcção viciosa, que a anatomia pathologica imprimia á medicina, o seu systema se baseava na anatomia pathologica? Aqui é que está o contra-senso. Luminoso e sublime, em quanto tratou de destruir o

que os outros fizeram, cahiu nos mesmos erros, que censurara, e ainda em outros quando pensou em reconstruir. A doutrina physiologica é filha legítima do methodo anatomico, e descende em linha directa da physiologia d'Haller e da anatomia geral de Bichat. Não é, como vulgarmente se diz, a doutrina de Brown invertida. Em Brown, a *irritabilidade*, considerada apenas como quantidade, só susceptivel d'augmento ou diminuição, e mascarada com o nome mais vago d'*incitabilidade*, ressentia-se das theorias antigas: era algama cousa d'abstracto e isolado dos órgãos. Em Broussais, a mesma *irritabilidade*, ainda só considerada susceptivel d'augmento ou diminuição, reflectia as idéas modernas: era simplesmente uma propriedade dos órgãos. Brown propendia mais para o vitalismo: Broussais para o organicismo. Brown, professando que a causa morbifica actuava sobre a incitabilidade, independente de localisação organica, podia assim conservar as diatheses, e as doenças geraes, abolindo sempre a idéa de especificidade. Broussais, não vendo senão tecidos e órgãos dotados d'irritabilidade, procrevia d'uma vez toda a idéa de diathese, d'essencialidade e de especificidade. Eis a razão, porque, partindo ambos do mesmo principio, «*que la vie ne s'entretient que pour les stimulants*» chegaram a conclusões oppostas.

Ainda assim, forçoso é confessar, que Broussais era mais consequente que Brown. A *incitabilidade*, pura força, susceptivel só de mais ou de menos, considerada independente dos órgãos, não podia ser senão uma *ontologia*, como Broussais lhe chamava. Muito embora explicasse uma grande maioria de phenomenos, restava-lhe explicar-se a si mesma. Em Broussais, as conclusões faziam, permitta-se a expressão, *taboa rasa* de toda a medicina, mas ao menos eram deduzidas logicamente dos principios, e esses principios, taes como elle os concebia, tinham analogos na natureza. Se errava, era em vêr analogia, onde a não havia. Era em querer, que a força vital, que elle era o primeiro a reconhecer, fosse uma causa, bem que distincta, todavia da mesma ordem, que as causas physicas, quando effeitos essencialmente differentes lhe revelavam uma causa radicalmente diversa.

Isto mesmo porém era o resultado inevitavel das tendencias do seculo: era a consequencia do *positivismo*, que então se ufanava de dominar toda ordem d'idéas, dos progressos das sciencias physicas, do espirito analytico, e dos trabalhos, a que este deu origem nas sciencias biologicas. Broussais reformara d'uma vez toda a medicina; mas os elementos da reforma tinham-lhe sido preparados pouco a pouco. A pathologia e a therapeutica do seu tempo, condizendo pouco com as descobertas anatomo-pathologicas, Broussais foi o homem de genio que se incumbiu de pôr d'accordo physiologia e pathologia, asseñtando-as sobre uma base solida e visivel a anatomia pathologica, e racionalisar a therapeutica. Foi pouco feliz na empreza. A doutrina physiologica foi uma tentativa abortada da direcção scientifica da época. Posto que elevado com toda a regularidade, dotado d'uma sim-

plicidade seductora, que o fez dominar bem depressa todas as cabeças medicas, o *systema da irritação* não podia resistir longo tempo á prova da experiencia. Peccava pela base. Fundava-se n'um erro anatomico, outro physiologico, senão em outro philosophico. A exposição succinta da sua doutrina mostrará a rasão do que dissemos.

IV

Broussais — Escóla Physiologica

A primeira obra, em que Broussais depositou o germen das idéas, que mais tarde desenvolveu, foi o *Tratado das Phlegmasias chronicas*. Esta obra não era mais que a applicação das ideias de Bichat á anatomia pathologica e á clinica. Bichat na sua anatomia geral tinha estudado separadamente os diversos tecidos, que compoem a estrutura organica do homem, e tinha determinado, quaes eram os caracteres anatomicos e physiologicos geraes d'esses tecidos, pertencentes a órgãos diferentes. Tinha além disso procurado determinar, que sympathias ligavam entre si os diferentes tecidos. O tratado das phlegmasias chronicas era pois a continuação de Bichat. Broussais fazia em pathologia, o que Bichat tinha feito em anatomia e physiologia. Fazia conhecer os caracteres da inflammação nos diferentes tecidos do organismo; caracteres anatomicos, e caracteres physiologicos. O author fazia já prever um novo systema d'idéas, conclindo que, — «n'um grande numero d'individuos, mortos d'affecções reputadas geraes, e chamadas febres, se achavam vestigios d'inflammação em muitos órgãos:» — «que muitas vezes estas inflammações se observavam nos órgãos digestivos e suas dependencias:» — «que o tratamento tonico e excitante, geralmente opposto a estas febres, lhes era essencialmente nocivo, e devia ser substituido pelo tratamento anti-phlogistico; sangrias geraes e locaes, emollientes, e demulcentes.»

O trabalho precedente não podia deixar de aproveitar á sciencia, fixando a attenção dos medicos sobre as inflammações d'órgãos, que complicam um grande numero de doenças, ou que são o ponto de partida de muitas febres: precavendo contra o abuso, que então se fazia dos tonicos e estimulantes segundo as idéas de Brown, e mostrando nos casos d'este genero a virtude do bom emprego do tratamento antiphlogistico.

Demonstrava alem d'isso as sympathias variadas, que póde suscitar em toda a economia a doença particular d'um órgão, e até que ponto essas sympathias, despertadas longe da séde do mal, podiam encobrir o mesmo mal: fazia vêr que a *fraqueza*, que Brown considerava como o elemento essencial de quasi todas as doenças, e combatia com tanto ardor pelos tonicos, era muitas vezes o effeito da inflammação, que concentrando sobre

um ponto todas as forças do organismo, as fazia desaparecer dos outros pontos: que era preciso pois distinguir a fraqueza verdadeira da falsa, porque, se uma exigia um tratamento tónico, a outra precisava de sangrias e diluentes.

Até aqui tudo ia bem. Infelizmente a exageração d'estes principios conduziu-o ás consequencias mais deploraveis. Pois que a irritabilidade não pôde modificar-se sem alteração do órgão irritado, todas as alterações funcionaes devem ser acompanhadas d'alteração organica. *Não havia portanto doenças essenciaes.* Pois que a irritabilidade é só susceptivel de mais ou de menos, todas as doenças devem dividir-se em duas grandes classes, irritativas, e ab-irritativas, que differem umas das outras só na quantidade. *Não havia pois doenças especificas.* Pois que a irritabilidade é propriedade dos solidos, e que muitas doenças geraes, febres, tinham o ponto de partida n'uma alteração local, uma consequencia, legitimamente deduzida dos principios precedentes, levava-o a concluir a localisação absoluta das doenças. *Não havia pois doenças geraes* sem ponto de partida local organico; toda a perturbação geral era a reacção contra um mal local. A' cabeceira do doente toda a questão de diagnostico se reduzia a determinar qual o órgão lesado, qual o grau d'irritação, e a therapeutica não tinha mais, que applicar debilitantes ou estimulantes, segundo a indicação fornecida.

Estava pois abolida d'uma vez toda a nosologia e materia medica, pois que estas sciencias fundam-se em differenças essenciaes entre as doenças e os medicamentos, e que estas differenças não podem consistir simplesmente em variações de quantidade.

Ainda mais. Não contente em ter dichotomizado as doenças, Broussais pretende collocar-as quasi todas na classe das irritativas, e a sua principal opposição a Brown consiste, em que este, admittindo tambem molestias irritativas, não vê quasi nunca senão doença ab-irritativa. Broussais desenvolve largamente nos seus escriptos, como a falta d'excitação produz doenças irritativas. Segundo as suas ideias, o órgão, a que falta a excitação normal, e que por carencia dos estimulantes cahiu no torpôr e debilidade, é por isso mesmo mais susceptivel d'irritação e d'inflammação. Por tanto, um grande numero de doenças, ainda que primitivamente ab-irritativas, são realmente irritativas pelo effeito necessario da reacção. Quasi toda a medicina se reduz pois a estudar as leis d'irritação, os seus diversos modos de propagação na economia, o estudo dos órgãos e dos tecidos que affecta, as suas degenerações variadas, etc.

Quanto ao seu pensamento favorito da localisação de todas as doenças, forçoso lhe era achar um aparelho, cuja lesão local fosse o ponto de partida de toda a doença geral. A inspecção d'algumas lesões intestinaes, que sobreveem nas febres graves, e outras, consecutivas ao abuso, que então se fazia dos tónicos e excitantes, deu-lhe a solução do problema. Tudo para

elle foram então *gastrites*, e *gastro-enterites*, desde a dyspesia mais simples, até á febre typhoide de fórma mais grave. Todas as doenças, que não se sabia onde as localisar, foram inflammações d'estomago ou dos intestinos: todos os phenomenos anormaes, que se manifestavam nos outros apparatus, eram apenas phenomenos sympathicos da phlegmasia do estomago, ou do canal intestinal. Sangrias, sanguesugas, decoctos de cevada, e bebidas gommosas, eis a unica therapeutica racionalmente deduzida dos principios precedentes.

Tal fôra a serie d'ideias, porque passára Broussais para o estabelecimento do seu systema. Um erro philosophico levava-o a seguir exclusivamente o methodo anatomico encetado por Bichat. Um erro em physiologia levava-o a considerar a irritabilidade só susceptivel de mais ou de menos. Um erro em pathogenia levava-o a considerar a irritação a causa primordial de todos os estados morbidos. Um erro em anatomia pathologica, que devia ser a contra-prova das suas theorias pathogenicas, levava-o ainda a querer apoiar com ella a veracidade dos seus principios. E o que mais é, um erro a que taes principios conduziam em therapeutica, levava-o a causar bem damno á humanidade, em prol da qual tanto declamara contra os systematicos do seu tempo.

A doutrina physiologica era simples e regular, a mais não poder ser. A esta simplicidade e ao talento pessoal do author deveu ella uma voga extraordinaria, cuja influencia ainda hoje se faz sentir: mas as bases eram tam precarias, que não podiam resistir longo tempo á prova da prática. Da anatomia pathologica, sobre que quizeram firmal-a, é que lhe partiu o primeiro golpe. Para elle tudo dependia da irritação, ou da inflammação em diversos graus, e em diversos tecidos: um exame minucioso e attento mostrou, que nem esses graus, nem a differença dos tecidos, nem a chimica, nem a physica, nem a anatomia ou a physiologia eram sufficientes para dar a explicação de tantas diversidades de productos morbidos. Uma outra escola se apoderou do facto, e exagerando tambem da sua parte, quiz elevá-lo ás alturas de doutrina. Foi a escola *anatomo-pathologica*, presidida por Laennec. O seu tratado d'auscultação mediata não tem exteriormente as pretensões de legislador da sciencia. Parece apenas um livro, em que o author nos quer mostrar as incontestaveis vantagens do emprego do sthetoscopio no diagnostico das doenças da cavidade thoracica. Porém como um livro não se avalia só pelo que contém, mas sim, e principalmente no caso d'este, pelas suas consequencias, e pelos principios que presidiram á sua confecção, é por isso que nós dizemos, que, apesar da sua modesta apparencia, o tratado da auscultação mediata não é menos o principal representante da escola anatomica, seguido pouco depois pelas Indagações sobre a phtysica e a febre typhoide de Louis, e a Medicina Clinica de Rostan, escriptas no mesmo espirito.

Filha tambem de Bichat, a escola anatomica não vê senão tecidos e or-

gãos. De commum com sua irmã, a escola physiologica, para ella toda a doença é primitivamente local, e deve sempre traduzir-se por uma alteração organica. Mas em quanto que esta queria elevar-se á causa vital, que dava origem a todas as lesões somaticas, e conglobal-as n'uma theoria, que servisse de base racional á therapeutica, a segunda pára no estudo da alteração organica, porque o escápello, unico meio de indagação, inaccessible aos desvarios da theoria, não póde conduzir mais além. «*Nous accordons bien*, (diz Rostan, na sua these para a cadeira de clinica) *que la lesion anatomique n'est en general q'un effect secondaire, qu'elle ne constitue pas l'essence de la maladie: mais c'est le dernier point, au quel l'observateur puisse s'arreter: au delà il n'y a plus que des conjectures, il n'y a plus que des ténèbres.*» Ora como os productos morbidos são mui variados, já pela natureza da alteração, já pela natureza do tecido em que se dão, já pela natureza da affecção que os determina, o *anatomismo*, importando-se pouco se uma mesma causa poderia originar diversas lesões, ou se uma mesma lesão poderia reconhecer causas diversas, para se limitar apenas ás differenças physicas, que se revelavam aos sentidos, foi levado a ver em cada uma d'elles uma especie á parte. A anatomia pathologica engrandeceu-se, como nunca o havia sido, com os minuciosos trabalhos, a que por essa occasião se entregára á escola de Paris: pôde estabelecer a sua autocracia como sciencia, e crear-se uma classificação toda sua, baseada sobre os caracteres das alterações organicas: sem contestação deve-se isto á escola anatomica. Mas esta ideia, e este methodo applicados a uma sciencia inteiramente differente, a medicina clinica, conduziu a uma exaggeração não menos funesta, que a do *physiologismo*. Vendo nos productos morbidos effeitos de uma mesma causa, Broussais referira tudo á inflammação, e abolira a nosologia pela anatomia pathologica. Vendo como ultimo termo attingivel productos morbidos differentes, e de que a inflammação era muitas vezes effeito, o *anatomismo* olhara-os como outras tantas doenças distinctas, e pela anatomia pathologica reconstituia uma nosologia toda de especificidades.

As consequencias práticas de taes principios são obvias. Se á inflammação pura e simples convém só anti-phlogisticos directos, a especificidades morbidas convém só especificos therapeuticos. Se a escola physiologica proclamára o *dogmatismo* absoluto em therapeutica, a escola anatomica pela sua parte precipitava a medicina no *empirismo*. Era a consequencia logica dos principios. Uma queria sempre achar a relação entre o medicamento e a doença: a outra achava-a sómente no numero de factos. A melhor prova, que se póde adduzir para mostrar a via empirica, a que os *anatomistas* eram arrastados pelo seu *fatalismo medico*, segundo a expressão eloquente de Broussais, é o methodo adoptado por Louis para a confecção, do que elle chamava as suas *leis* pathologicas. Fatigado das discussões, que então agitavam o mundo medico, professando, como ainda hoje muitos, um *desdem* dema-

siado por principios, que pareciam continuamente vacillantes, elle proscreeva o uso da razão, para vêr só factos, que de per si nada explicam. Fazer estatisticas, deduzir a media, eis o unico trabalho intellectual, que qualquer capacidade bem mediana podia attingir. As causas geraes e individuaes, e tantas outras, que modificão os estados morbidos, a ponto de cada um se poder considerar uma individualidade, eram nada a par da potencia do numero. A estatistica, meio com que se provam os maiores absurdos, argumento, com que depois cada um quiz apoiar as mais extravagantes medicações, eis o padrão em que Louis queria afferir a certeza da medicina. O *numerismo* foi quasi elevado ás alturas de systema, o *numerismo*, o calculo das probabilidades applicado á medicina, como se a vida d'um homem fosse negocio de loteria, que se podesse sem escrupulo arriscar ao acaso d'uma probabilidade. Taes eram as consequencias d'um tal methodo. O empirismo absoluto, triste precursor do scepticismo, era o resultado legitimo do terreno, em que a escóla anatomica havia collocado a sciencia. Não quer isto dizer, que a estatistica deva ser absolutamente regeitada. Sem duvida que de cem ou mil factos se póde concluir melhor, que de dez ou vinte. É o *sylva sylvarum*, de que falla Bacon, onde a razão vae procurar o fio, que os deve ligar. Mas da simples accumulção de factos todos individuaes querer tirar conclusões geraes, e ter a pretensão de fundar a therapeutica sobre taes dados, é para nós uma exaggeração, que toca o absurdo. A unidade, como diz Mr. Pidoux, não resulta da addição dos numeros.

VI

Situação

Taes foram os dous ramos solidistas da escóla organica, *physiologismo* e *anatomopathologismo*, um e outro generalisação mui ampla e exclusiva de verdades particulares. O entusiasmo por ambas passou com as discussões reaccionarias, que lhes deram origem. Feriam muito no vivo verdades adquiridas para a sciencia á custa do trabalho de séculos, para que podessem sustentar-se muito tempo. A prática estava a todos os instantes a dar-lhes um desmentido. Loucura seria porém negar os seus serviços. Um systema, não sendo ordinariamente mais, que a generalisação demasiado exclusiva d'um dos muitos pontos de vista da sciencia, esse ponto fica sempre mais bem estudado, quando a observação fria e despida de preconceitos vem acalmar as effervescencias da exaggeração. Teremos muitos occasiões de o provar em relação áquelles, de que acabamos de fallar.

O impulso, que deram a uma nova serie d'investigações tambem não foi perdido. Livre dos abusos anatomicos, e convencida, que as idéas de diathese, especificidade e doença geral, dominam sem contestação a pathologia

e a therapeutica da maioria das affecções morbidas, a anatomia pathologica moderna tenta conciliar as suas descobertas com aquellas verdades tradicionaes: a dominadora passou ao lugar que lhe competia de mera auxiliar. Ora como nada ha no organismo, que possa melhor representar a generalidade da doença, que a alteração dos liquidos ou do influxo nervoso, foi para ahi que sobre tudo convergiram as attenções. As lacunas, que o *solidismo* deixou na sciencia, fizeram rever os livros antigos, esquecidos e proscriptos, e descobriu-se, que nas suas doutrinas incoherentes brilhavam faiscas, até então obscurecidas, e perdidas no cahos. As indagações chemicas e pathologicas revelavam ao mesmo tempo factos, que necessariamente deviam escapar á imperfeição dos meios de investigação usados até então: o microscopio e os reactivos descobriam no sangue principios, que até então se não julgava existirem senão no solidos ou nos liquidos segregados; e graças aos trabalhos de Tiedman, Gmelin, Dumas, Prevost, Magendie, Leuret, Andral, Gavaret, Bouilland, Rochoux, e tantos outros, que percorreram fructuosamente esta via, as alterações humoraes, sem que neguem a importancia das lesões dos solidos, reivindicam hoje uma boa parte da pathogenia. Ao solidismo exclusivo, que desde Hoffman reinava nas escolas, succedeu um novo *humorismo*, não o humorismo grosseiro de Paracelso e Sylvio, não o humorismo systematico, que vê na alteração dos liquidos o primeiro elo da cadeia morbida, mas um humorismo racional, cujas aspirações se limitam a completar ou esclarecer bastantes pontos escuros da theoria das doenças, aperfeiçoando o diagnostico, fazendo conhecer melhor a acção physiologica dos medicamentos, e dando assim uma base mais solida e racional á therapeutica.

Entre os contemporaneos, que mais tem concorrido para o engrandecimento da sciencia na exploração d'esta fertil mina, não é possivel deixar de mencionar o distincto physiologista Mr. Claude Bernard. As suas *Licções sobre as propriedades physiologicas e alterações pathologicas do sangue e dos outros liquidos do organismo*, sobre a *Physiologia e a Pathologia do systema nervoso*, e sobre tudo as de *Physiologia experimental applicada á medicina* tem aproveitado mais á sciencia, do que o haviam feito seculos de discussões e experiencias. E' que ninguem melhor que elle soube comprehender as indicações especiaes, a que é preciso attender na applicação do methodo experimental ao estudo dos seres vivos: ninguem como elle soube fazer sobresahir a importancia das condições organicas ou physiologicas dos individuos submettidos á experiencia, condições, que fazem, que esta em physiologia seja um problema, cuja solução exige um processo mui diverso do empregado na solução dos problemas physicos ou chemicos. Seria prolixo, e até fóra de proposito, enunciar aqui os fructuosos resultados, que a pathogenia e o diagnostico tem colhido das descobertas do illustre professor. São bem conhecidos de todo o mundo. E' sobre trabalhos d'esta

ordem, e feitos com a independencia d'espírito, que caracteriza o verdadeiro experimentador, que repousa em grande parte o futuro da sciencia.

Uma outra serie de trabalhos não menos valiosos é aquella, que as escolas micrographicas actuaes, especialmente a allemã, tem ultimamente comprehendido. A pathologia cellular de Virchow, onde vem consignada uma boa parte, é um livro cheio de vistas originaes e descobertas interessantes a muitos respeitoes, tanto em relação á theoria como á pratica. Falta-lhes ainda a sancção do tempo e da experiência; mas parecem-nos de natureza a modificar e esclarecer bastantes pontos litigiosos da sciencia, além do caminho que abrem a toda uma nova ordem d'estudos.

Ao lado das valiosas acquisições, com que em anatomia, physiologia e histologia se tem hoje enriquecido a medicina, ha o enorme contingente fornecido pelas sciencias physico-chimicas, que se não de tam immediata applicação, tem todavia concorrido d'um modo prodigioso á simplificação dos problemas medicos. Precisão e facilidade no diagnostico, por instrumentos, que permitem attingir o mais recondito das cavidades, e reagentes, que revelam nas secreções productos caracteristicos de certas affecções, simplificação dos meios pharmacologicos, determinação dos principios activos das substancias medicamentosas, isolamento d'esses principios, de modo a permittir, que se experimentem no estado de pureza, para avaliar o effeito isolado de cada um, apreciação das condições physicas e chimicas dos phenomenos do organismo, são tudo serviços, que a medicina deve ás sciencias accessorias, além das esperanças, que com rasão se depositam em futuras applicações do mesmo genero. Mas aqui sobretudo é necessario estar prevenido d'um abuso. Collocada entre as sciencias moraes e as sciencias physicas, a sciencia da vida custa-lhe a conservar-se na media, e tende quasi sempre a inclinar-se para aquelle lado, em que a regularidade das leis, e as deducções veridicas dos principios estabelecidos, tornam o estudo de mais facil comprehensão e applicação. Levadas por seus progressos mais rapidos, as sciencias physico-chimicas teem em todos os tempos querido irromper o territorio de medicina, e apesar dos protestos energicos dos homens da sciencia, apesar dos preceitos d'uma sã philosophia, que manda reconhecer causas differentes a phenomenos radicalmente differentes, a mania das explicações iatro-chimicas veio ainda outra vez augmentar a anarchia, que já reinava na especulação medica. Sem duvida, que os corpos vivos não estão completamente isentos das leis geraes da materia: sem duvida que o movimento, que caracteriza a causa physica, tem ainda uma boa parte nos actos do organismo: mas esse movimento, executado por instrumentos especiaes, é ahí utilizado por uma potencia superior e em muitos pontos antagonista. «Se não ha um unico facto da organização. (Tr. de Therap, Trousseau e Pidoux, Introduction) que para se manifestar possa dispensar uma condição physica ou chimica, a physica e a chimica sós sã

impotentes para explicar um unico facto da organisação.» E não nos venham ameaçar com o futuro: que a significação dos phenomenos é provisoria, e que uma rasão mais bem informada poderá reunir factos, que hoje parecem distinctos. Respeitamos os progressos da sciencia; mas quando a interpretação de certas observações nos mostra n'ellas qualidades radicalmente distinctas, e incompativeis com as d'outras observações, a boa logica e o bom senso conduz-nos a admittir tambem causas radicalmente distinctas. O contrario levar-nos-ia a um scepticismo philosophico incuravel. *Natureza, força medicatriz, archeu, alma, principio vital, pneuma, imponderavel, fluido nervoso*, seja qual for a causa, que preside aos phenomenos do mundo organiado, sempre é, que entre elle e o mundo physico colloca a distancia immensa, que separa o *contingente* do *necessario*, o *espontaneo* do *fatal*, o *activo* do *passivo*, a *vida* da *morte*.

SEGUNDA PARTE

A ANATOMIA PATHOLOGICA E A MEDICINA PRÁTICA

SECÇÃO I.^a

DIAGNOSTICO

I

Natureza da doença — Elementos morbidos

O celebre problema de Pinel, — «Dada uma doença determinar o lugar, que lhe compete no quadro nosologico», — de resolução improficua sobre os dados fornecidos por este professor, continha todavia em si um pensamento profundo. Suppondo, que uma boa classificação nosologica deve basearse sobre diferenças essenciaes entre as doenças, seguindo a ordem de subordinação de caracteres, á maneira do methodo natural em zoologia e botanica, a determinação da especie morbida reuniria em si todos os dados necessarios a um bom diagnostico. Não era este por certo o fim, que se attingia por meio d'um systema todo artificial como o seu, fundado sobre a mais variavel das bases, o symptoma: nem as doenças são grupos de symptomas, nem as classificações artificiaes conduzem a um conhecimento completo da individualidade. O problema resolvera-se em zoologia e botanica pelo methodo natural, e resolver-se-ia, tambem em medicina, se fosse applicavel a esta sciencia. As tentativas, porém, tem sido baldadas: as doenças tambem não são objectos classificaveis, como os de historia natural. Aqui são cousas e individuos, que tem uma existencia particular distincta, que se pode observar, analysar e comparar, e cujos caracteres essenciaes, apresentando-se sempre os mesmos, permitem ao naturalista uma classificação regular e facil. Uma doença é uma cousa mui differente. Nem constitue um ser á parte, tendo existencia distincta, e caracteres de raça fixos e permanentes como um animal ou uma planta, nem mesmo as affecções ou os

actos morbidos se apresentam sempre isolados no mesmo individuo: ha complicações de phenomenos, pertencentes a affecções de classes differentes, que serão sempre o escolho de todas as classificações. Os systemas nosologicos desde Sauvages até Piorry tem sido todos artificiaes: e fundados sobre uma base mais ou menos solida, dispostos de maneira a obter um conhecimento mais ou menos completo da individualidade morbida, nenhum d'elles resolve completamente os dous pontos capitaes do diagnostico;—*natureza e sede* da doença. O problema de Pinel não é ainda o primeiro em importancia clinica.

E que é determinar a natureza d'uma doença? Longe de nós a idéa de querer agora entrar em especulações metaphysicas e estereis sobre a essencia das doenças, ou em hypotheses aventurozas sobre a questão insolavel das causas primarias. Provado que acima do *acto morbido* ha o *estado morbido*, acima da forma o fundo, acima da lesão organica ou funcional a condição vital necessaria á sua producção, determinar a natureza d'uma doença para nós é distinguir pelos effeitos, ou por todas as circunstancias accessiveis, não o que seja, mas qual seja essa condição, esse fundo, essa modificação primaria, que domina os outros phenomenos: é especificar, quaes sejam das *capacidades morbidas* do organismo as que entram em jogo no acto em questão: é em summa determinar, quaes sejam os *elementos* da doença: problema o mais espinhoso, mas o mais importante da pathologia, e cuja solução só a dá a *analyse clinica*.

Ha porém tantas maneiras diversas d'interpretar a *analyse clinica*, e o *elemento morbido*, hoje que estas palavras são tam vulgarmente empregadas, que antes de proseguir é necessaria a explicação prévia do modo porque as entendemos. Reina uma tal anarchia na nomenclatura medica, tem-se alterado de tal maneira o sentido etymologico das palavras, que é indispensavel a cada passo explicar o sentido, que se liga ás palavras empregadas, sob pena de ser interpretado d'um modo diverso d'aquelle, que se tinha na mente. Nem mesmo basta uma *profissão de fé*. Os correligionarios são os primeiros a divergir no sentido das palavras que empregam. Forçoso pois nos é dizer, o que seja para nós *elemento morbido*. A digressão, a que isto nos conduz, terá contudo uma vantagem n'este caso especial: é delinear ella mesma o plano, sobre que deve ser esboçado o resto do nosso trabalho.

A palavra—*elemento morbido* não é nova. Data já de Galeno. Foi porém Barthez o primeiro, que, pondo em pratica a idéa emittida seculos antes pelo medico de Pergamo, empregou esta palavra com uma significação precisa. Implicitamente continha-se a idéa em todos os systemas. Os *quatro humores* de Galeno, os *elementos* de Paracelsò, o *strictum*, e o *laxum*, o *spasmo* e *atonia*, a *sthenia*, e *asthenia*, a *irritação* e *ab-irritação*, o *estímulo* e o *contra-estímulo*, que são senão manifestações da tendencia de reduzir os factos a um pequeno numero de modalidades? Se a palavra não era

empregada, o pensamento é no fundo o mesmo. O seu emprego só começou a generalisar-se desde a época, em que os medicos, desassombrados do prestígio da doutrina physiologica, voltaram a attenção para as obras antigas, e puderam comprehender toda a importancia clinica da questão dos elementos. Desde então para cá pode dizer-se a questão capital da pathologia. Não discutiremos agora o valor das theorias antigas sobre o numero de modalidades, a que cada um quiz reduzir os actos pathologicos. Nem conhecemos actualmente authoridade medica, collocada nas regiões officiaes, que seja partidaria das doutrinas *dichotomistas*, nem mesmo nos propomos fazer agora uma dissertação sobre *elementos morbidos*. Limitar-nos-hemos a examinar, d'entre as actualmente adoptadas, aquella, que nos parece mais rasoavel, para sobre ella assentarmos, o que temos a dizer sobre a epygraphie d'este capitulo.

São tres as principaes opiniões, que hoje se professam sobre o valor da palavra *elemento morbido*. Duas d'ellas especialmente absorvem a quasi totalidade dos suffragios. A terceira, a dos *estados organo-pathicos* torna-se sómente notavel, por seu author, professor contemporaneo, ser ainda hoje a representação viva d'uma escóla, que já pertence á historia. São as doutrinas de Barthez, Piorry e Forget. Cada um d'elles professor n'uma das tres faculdades da França, as suas doutrinas, senão hoje, pelo menos em certa época, reflectiam com muita exactidão as tendencias respectivas de cada um d'aquelles centros scientificos. Podem dizer-se tambem as representantes n'uma ordem secundaria de tres outras doutrinas mais geraes: *vitalismo*, *organicismo*, e *eclectismo*.

Prof. Piorry — Estados organo-pathicos

Mr. Piorry é hoje o campeão mais denodado do *organicismo*: iamos quasi a dizer, que é ultra-organicista. herdando de Broussais o odio contra os ontologistas, Mr. Piorry vai ainda muito além do seu illustre predecessor. Para elle nem mesmo ha doença: ha só órgãos doentes: não ha perturbações geraes do systema: ha só estados organo-pathicos sem ligação alguma. A unidade morbida é sobretudo o *delenda Carthago* de Mr. Piorry. Todos os seus escriptos, todas as suas lições e discussões na academia de medicina, começam e acabam a declamar contra este principio. Nada poderá dar melhor idéa da doutrina d'este professor, que a citação das suas proprias palavras. Assim por exemplo, o cap. 1.º das generalidades do seu Tratado de Pathologia Iatrica têm por titulo: «A doença não é uma individualidade, uma unidade»: e as conclusões geraes da mesma obra repetem ainda, que ha uma regra geral, que nunca se deve perder de vista, e vem a ser, — «que a

doença não é uma unidade, mas sim um composto d'elementos organo-pathologicos; não existem quasi nunca, ou mesmo nunca duas doenças similiaes: a doença, de qualquer maneira que se estude, é complexa, e não deve por modo algum ser individualizada, ou considerada como cousa simples, nem pode rigorosa e absolutamente ser designada por um nome especial». *Elemento morbido* é pois cada um d'esses estados organo-pathicos, que podem apresentar as diversas partes do individuo doente.

Hoje que estamos desacostumados da idéa de localização absoluta das doenças, e que mais que em tempo algum se admittem perturbações geraes, especificas, que sendo da mesma natureza podem revelar-se por lesões mui differentes, hoje que educados n'estas idéas, mal podemos conceber a admisão das oppostas, causa certa estranheza um *anatomo-pathologismo*, levado a tal excesso. E' preciso lêr as monographias, que Mr. Piorry consagra a cada doença, é preciso sobretudo ter conhecimento das discussões, em que na academia elle toma parte em defeza da sua doutrina, para se ficar bem capacitado da maneira toda nova, porque elle considera as doenças. Assim, tomando para exemplo as bexigas, exemplo, que por occasião da questão do organo-pathismo e da nomenclatura suscitou acalorados debates na academia de medicina, e que mais que nenhum outro é proprio a fazer conceber o pensamento do author, as bexigas não são pois uma individualidade morbida. Nem mesmo ha doença, que mereça o nome de bexigas. Não é mais que uma reunião de vinte ou vinte e quatro estados organo-pathicos, ou elementos pathologicos, como são a abundancia de saliva na bocca, mucosidades nos bronchios, pustulas na pelle, delirio, excesso de sangue, diminuição de sangue, inflamação na pharynge, etc. que podem apresentar-se todos ou parte, combinados de maneiras mui diversas, sendo cada um origem de uma indicação especial, e não podendo portanto constituir uma unidade morbida, porque não ha dous casos, em que estas lesões se apresentem absolutamente semelhantes. Do mesmo modo a febre typhoide, que hoje é geralmente considerada como uma doença especial, e da ordem das eruptivas, não seria para Mr. Piorry uma individualidade morbida, mas um estado anormal dos órgãos, em que se podem reconhecer quatorze estados organo-pathicos, como são corrupção de sangue, enterite, diarrhea, pneumonia hypostatica, gazes nos intestinos, dilatação da bexiga pela ourina, gangrena do sacro, etc, e se alguma cousa é para admirar, é que a symptomatologia toda não esteja ahi a dar elementos morbidos para os casos de fórma tam variada, que apparecem n'esta doença.

Eis a nosso vêr um systema de idéas inteiramente novo: nem mesmo para assim o considerar, julgamos necessario accrescentar a nomenclatura correspondente. Nas suas declamações contra os ontologistas e essencialistas, Broussais não chegou a ponto de proscreever as unidades morbidas, e até o nome de doença ou doenças. Admittia pelo menos duas grandes unidades

d'este genero: a irritação e o estado opposto, da mesma maneira, que antes d'elle Brown as tinha tambem admittido com o nome de *sthenia* e *asthenia*. Mr. Piorry vai muito mais longe. Para elle nem ha irritação, nem inflammação, nem catarrho, nem rheumatismo, nem diatheses, nem mesmo doença. Persuadido que, quando se individualisa uma doença, e se liga uma certa idéa d'unidade aos seus phenomenos, se quer fazer d'ella um ser, uma entidade distincta, não ha escripto, discurso ou lição, em que não declame contra ella. E, no cabo, que exprime essa individualisação? Nada mais, que a tendencia dos phenomenos a uma certa unidade, a sua concordancia, a sua ligação *sympathica* ou *synergica*. Não quer significar, que a doença seja uma pessoa, que tenha uma existencia distincta, independente, pessoal. Ora dizer, que não ha senão phenomenos, e não doenças, por outra, que não ha ligação alguma entre os phenomenos, é dizer uma cousa evidentemente falsa e incompreensivel. Por mais que se dividam, e mutilem as doenças, não é possivel dissimular, que não é assim, que ellas se apresentam naturalmente. Todos esses estados organo-pathicos não se acham reunidos por acaso, e desde que se admitta, que ha uma relação, uma coordenação entre elles, em summa, uma causa qualquer d'esse encontro, que é essa causa, senão a modificação organica ou vital, que a produz, isto é, a doença?

Uma consequencia natural, e mesmo forçosa, d'uma tal doutrina, é que toda a classificação racional e philosophica das doenças é impossivel. Como, com effeito, classificar cousas, que nunca são semelhantes. pois que toda a classificação racional e philosophica é fundada sobre similhanças e differenças? Não haveria nem especies, nem generos, nem classes: haveria só individualidades pathologicas. A experiencia dos outros e a propria de nada valeria: tudo iria ao acaso; e o medico sem guia, sem bussola, achar-se-ia a cada doente em face d'uma incognita.

Passaremos por alto as consequencias, que de taes principios se deduzem para a denominação e tractamento das doenças. Consequente com elles, Mr. Piorry soube fazer uma nomenclatura nova, toda tirada do grego, que segundo o espirituoso dito de Mr. Goudas, ninguem entenderia na Grecia, e que não tivera outros defeitos, o *arrevesado* da sua pronunciação bastaria a tornal-a inexequivel. E a therapeutica turbulenta e toda symptomatica, com que muitas vezes procura suffocar esses estados organopathicos, cada um de per si, e todos ao mesmo tempo, revela bastante, que para elle é letra morta o *«si naturae non obtemperat, naturae non imperat»*.

Prof. Forget — Doutrina dos elementos

Outra é a opinião do prof. Forget sobre a questão da analyse clinica. A sua doutrina dos elementos, largamente desenvolvida nos seus *Principios de Therapeutica geral e especial*, e em muitos artigos jornalisticos tem a pretensão de conciliar todas as opiniões, e competir igualmente a todos os sistemas medicos. E' uma doutrina essencialmente *eclectica*. O elemento morbido não é um estado organo-pathico, ou uma lesão organica, como na doutrina de Mr. Piorry, porque na constituição da doença entram muitos elementos funcionaes, que não podemos ainda referir a alguma lesão organica, e muitas outras circumstancias exteriores ou intimas, que podem ser origens d'indicação, e attendiveis para a therapeutica. Pelas mesmas rasões, *mutatis mutandis*, não é um phenomeno puramente dynamico, como outros opinavam. Para o prof. Forget a palavra *elemento* em pathologia tem uma accepção mais lata. E' todo o phenomeno apreciavel, que entra na composição d'uma doença, e que possa ser origem d'indicação. Ou para nos servirmos das suas proprias palavras; (Gaz. med. de Strasb. 1855). «Tudo o que implica uma indicação therapeutica é um elemento; assim o calor, o frio, a dyspnea, a tosse, frequencia de pulso, vomito, constipação, diarrhea, meteorismo, etc. etc.: todas as circumstancias etiologicas, todas as particularidades de séde, de prognostico, de tratamento: idade, sexo, constituição, habito, *circumfusa, applicata, ingesta, etc.*: lesão de tecidos, d'orgãos, symptomas funcionaes, marcha, typo, terminação, complicações, escolha de medicação, de medicamento, composição, fórma, doze, modo e lugar d'applicação, efeitos physiologicos ou curativos.» A *doença em geral é um phenomeno complexo, um conjuncto variavel e movel d'elementos ou d'estados organicos e funcionaes*: (Princip. de Therap. pag. 27). O trabalho do medico em face d'ella, é analysar miudamente todos os elementos, que entram na sua constituição, todos os que possam influir directa ou indirectamente sobre o seu resultado, discriminar a sua hirerarchia e ordem de subordinação, para ir atacar a cadeia dos elementos no seu anel principal e gerador, ou dirigir-se directamente áquelles, em que se reconheça maior predominancia relativa na representação do drama morbido. «O medico *etiologista, o essencialista*, diz o prof. Forget, vêr-se-ha muitas vezes embaraçado, consumindo-se em hypotheses mais ou menos extravagantes sobre a causa do mal, em indagações mais ou menos excentricas de remedios radicaes, especificos: em quanto que o *elementista*, livre de preocupações estranhas, vendo nas doenças sómente grupos d'elementos, talvez in solitos no conjuncto, mas de que cada elemento particular lhe é conhecido, passa, quando não póde descobrir a causa, á analyse elementar do facto, e conforma pura e simplesmente com ella as suas indicações.» (Princip. de Therap. pag. 37).

A doutrina é inquestionavelmente eclectica, mas é eclectica, por isso mesmo que não está sujeita a ordem ou principio algum. E' a pratica universalmente adoptada pelos medicos, seja qual fôr a seita, a que pertençam. Não houve, cremos nós, clinico algum rasoavel, que á cabeceira do doente não procurasse informar-se de todas as circumstancias etiologicas, symptomaticas, anatomicas, therapeuticas, ou outras, que o podessem dirigir no tratamento. Parece-nos pois, que a doutrina não tem outra novidade mais, que a de chamar *elemento* ao que todo o mundo chamava origem possivel d'indicação: novidade, que longe de ser util, é, a nosso vêr, do peor effeito, por isso que confunde debaixo d'aquella denominação as cousas mais heterogeneas. Mais original é sem duvida a doutrina de Mr. Piorry, que ao menos não ia procurar os elementos da doença fóra do organismo doente. A palavra *elemento* é evidentemente desviada da sua accepção normal na doutrina do prof. Forget. Não ha sciencia alguma, em que os elementos de qualquer objecto se vão procurar fóra d'esse objecto, ou deixem de ser as partes simples, de que elle se compõe. Em medicina deve ser o mesmo. Os elementos d'uma doença, sendo o que constitue a doença, os actos morbidos simples, que a compõe, será na doença mesmo, e não em outra parte, que os deveremos encontrar. Queremos, por exemplo, analysar uma pneumonia. Será no frio exterior, que a provocou, ou no vestido, que permittiu sentir esse frio, que acharemos as suas partes constitutivas? O frio teve lugar antes do começo da doença: cessou no momento, em que ella se preparava: não lhe pertence pois essencialmente: é uma condição antecedente favoravel, mas que nada tem de necessario. Os elementos morbidos da pneumonia, são, sem questão, os actos vitaes, que a constituem. Abstraiha-se um pouco d'esses actos, e veja-se o que fica da doença. O mesmo diremos d'uma conjunctivite, que succedesse á presença d'um corpo estranho no olho. Esta doença é um acto, que não começou a existir, senão depois que o organismo reagiu contra a presença do corpo estranho, e que póde continuar a existir, com todas as suas partes constitutivas, mesmo depois da sua subtracção. O corpo estranho não é pois uma parte constitutiva da doença: não é um elemento morbido: é uma causa provocadora, origem d'indicação maior, porque o primeiro cuidado é sem duvida extrahil-o, mas que, depois de extrahido, póde deixar ainda subsistir a doença tal qual a provocou.

Indicação e elemento não são pois a mesma cousa: se o prof. Forget assim os considera, é só desviando a palavra elemento do seu sentido natural, etymologico e universalmente adoptado, e dando-lhe uma significação tão vaga e arbitraria, que n'um exame clinico, se a difficuldade era grande para determinar todos os elementos morbidos, bem maior seria ainda para achar alguma cousa, que não fosse elemento. A doutrina do prof. Forget versa pois, fallando rigorosamente, sobre as origens d'indicação, não

sobre os elementos; e, assim considerada, nem mesmo é uma doutrina nova, mas simplesmente um methodo, uma coordenação de todas as circumstancias, a que em todos os tempos os praticos souberam attender, segundo os conhecimentos, e meios d'investigação, de que nas suas respectivas épocas dispunham. Não é uma rectificação, augmento, ou modificação da celebre medicina analytica de Barthez, Berard e Dumas: e posto que, segundo confessa o author, a sua doutrina lhe foi suggerida pela d'aquelles professores, não aproveitou d'ella senão a idéa de introduzir a palavra *elemento* em pathologia. São no fundo essencialmente differentes.

A analyse clinica do prof. Forget tem demais todos os defeitos das analyses sem termo, condemnadas a decompor indefinidamente, á medida que se forem recuando os limites da observação. A consideração assidua das partes faz-lhe perder de vista o conjuncto. E de facto o prof. Forget é um d'aquelles, a quem são mal as palavras *generalidade, essencialidade, especificidade e unidade* morbidas. Vejam-se as magras concessões, que nas paginas dos seus Principios de Therapeutica, aliás instructivas e cheias d'espírito, elle faz a estes velhos dogmas da medicina. Assim deve necessariamente concluir, quem considera a doença apenas um *conjuncto variavel e movel d'elementos ou estados organicos e funcionaes*: (pag. 27). E' quasi a mesma idéa do prof. Piorry, augmentada sómente com a admissão provisoria dos elementos puramente dynamicos. São-lhe inteiramente applicaveis as considerações, que fizemos a respeito do *organo-pathismo*.

Se d'aquí passarmos ás consequencias praticas, ás deducções therapeuticas, que são a verdadeira pedra de toque, em que vae afferir-se o quilate das doutrinas, veremos, que a dos elementos praticos é uma apologia implicita da medicina symptomatica, do empirismo, e da polypharmacia. O prof. Forget é o primeiro a reconhecê-lo, quando diz (Princip. de Therap. pag. 43), «que a sua doutrina conduz naturalmente ao empirismo e á polypharmacia, isto é, — á negligencia do diagnostico, e ao abuso dos medicamentos, se se não proceder com grande severidade na apreciação comparativa dos elementos e na associação natural dos remedios.» Mas se esse risco o sabia evitar elle, professor talentoso, pratico consummado, encanecido na clinica d'uma grande faculdade, sabel-o-hão evitar da mesma forma os noviços na profissão, que sabindo dos bancos das aulas, possuidos d'estes principios, vão pela primeira vez applical-os a uma doença? Digam o que disserem, principios geraes bem fundamentados serão sempre a base mais solida da instrucção scientifica dos alumnos: são o unico meio de racionalisar as applicações, de dirigir nos casos novos, de tirar illações aproveitaveis: sem elles não ha sciencia, nem valem de cousa alguma mil praticas, que, isoladas, não podem levar mais longe que ao empirismo, á rotina, ou á medicina d'estatistica.

Com a medicina symptomatica mostra-se o prof. Forget mais transi-

gente, e até acha irrisórias as tentativas d'aquelles, que, querendo applicar á cholera-morbus e a outras doenças um tratamento adaptado ás idéas mais ou menos hypotheticas, que se faziam da natureza da doença, vieram a final de contas a acabar por onde deviam ter começado, que foi por combater directamente os symptomas, segundo a gravidade ou predominancia, que manifestavam. Não ha duvida que no caso citado, e em muitos outros, estamos limitados a fazer a medicina do symptoma, ou a vêr desenrolar-se o drama morbido, sem o poder atalhar; mas é á falta de melhor; e não são alguns ensaios infructuosos rasão sufficiente para proscreever todas as tentativas n'esse sentido. Bastantes exemplos nos authorisam a fazel-as, e quanto mais se multiplicarem, tanto mais poderemos confiar nos recursos da arte.

Em summa, a doutrina dos *Elementos Praticos* não adianta, nem facilita sensivelmente o diagnostico, diz textualmente o prof. Forget: (Princip. de Therap. pag. 38): e em therapeutica, accrescentaremos nós baseado tambem nas suas proprias palavras, arrisca mais, do que aproveita. Então para que serve, se apesar da pretensão do nome, nada influe na resolução dos dous problemas capitaes da medicina pratica?

Barthez — Elementos morbidos

A outra doutrina de elementos morbidos, a mais antiga na ordem chronologica, mas a unica, que a nosso vêr colloca a questão no seu verdadeiro terreno, é a da escola de Montpellier. Indicado já o problema por Galeno, coube ao genio immortal de Barthez a gloria da sua resolução, e não é essa por certo a sua menos valiosa producção. Uma phalange de medicos distinctos da mesma escola, entre os quaes Dumas, Berard, Quissac, Golfin, Caizergues, Jaumes, trabalharam no mesmo sentido, apenas com leves variações na fórma, e os esforços da escola tendem ainda hoje ao aperfeiçoamento do fecundo legado de seus predecessores, como assumpto, que é, do maior alcance clinico. Os elementos morbidos, sendo como o seu nome indica, o que compõe e constitue essencialmente a doença, não podem ser buscados fóra dos actos vitaes, que a constituem: não são por isso causas, ou outras quaesquer circumstancias exteriores: tambem não são um conjuncto de symptomas, muito menos um symptoma. porque estes são muito variaveis na mesma modificação vital, e são de mais effeitos d'ordem mui secundaria: tambem não são lesões organicas, porque, bem que d'ordem superior ao symptoma, são ainda effeitos da perturbação primitiva do systema, em que só reside a doença, e não se encontram além d'isso em todos os casos. Os ele-

mentos morbidos, sendo as partes componentes da doença, são pois aquellas modificações vitales simples, unitarias, indivisiveis, e distinctas, que, isoladas ou combinadas, constituem o estado vital, que se denomina doença: distinctas não por este ou aquelle symptoma, esta ou aquella lesão organica, uma ou outra causa, mas por todos os caracteres clinicos juntos: etiologia, symptomatologia, marcha, typo, anatomia pathologica, e até mesmo pela medicaçào, que indicam. Bem semelhantes aos corpos simples em chimica, ou ás familias em Historia Natural, que não diversificam por esta ou aquella feição arbitraria, mas por caracteres deduzidos do todo da sua constituição, organisação e relações.

E' a mesma idéa, que Barthez exprimia nas palavras — *modalidade do principio vital*, — e com leves alteraçõeé tambem no fundo a idéa dos outros medicos da escola e de fóra d'ella, que trabalharam no mesmo sentido. Não adoptamos expressamente a definição de Barthez, porque a palavra *principio vital* traz consigo um equivoco. Apesar de todo o cuidado que teve Barthez em dizer, que ella não era mais, que a formula nominal da causa vital, sem adiantar cousa alguma sobre a natureza d'essa causa, a expressão *principio vital* traz sempre consigo a idéa d'uma substancialisação. E én'este sentido, que geralmente se toma a doutrina de Barthez. E como o nosso intento não é embrenharmos-nos aqui na elevada e inextricavel questào da substancialisação ou não-substancialisação da causa vital, da sua espiritualidade, ou materialidade, mas sim exprimir sómente um facto, que, como facto sem interpretação theorica, póde ser admittido por qualquer systema, eis a razão porque ás palavras *modalidade do principio vital* preferimos aqui a expressão mais generica *modificação do systema vivo*. O humorista poderá vêr n'essa modificação uma alteração de liquidos; o nervorista uma perturbação do influxo nervoso; o solidista uma lesão de solidos; o vitalista uma modalidade do principio vital; o animista uma aberração da alma, e o eclecticico tudo isso junto. Comtanto que nos não neguem o facto, ou se recusem a admittir a existencia d'essas modificações do systema, unitarias, indivisiveis, contestaveis sómente por quem pulverisar as doenças á maneira de Piorry ou Forget, é pura e simplesmente n'ellas, que independente de qualquer interpretação theorica, nós reconhecemos o *elemento morbido*.

A analyse clinica assim considerada não é pois uma analyse indeterminada, como as que anteriormente mencionamos. Longe de multiplicar indefinidamente o numero de elementos, e conglobar debaixo d'este nome cousas as mais heterogeneas, a analyse clinica reduz a um pequeno numero as modificações morbidas distinctas, numero, que as investigações futuras poderão aliás augmentar ou restringir, mas que, isoladas ou combinadas de modos variados nos diversos orgãos e tecidos da economia, são bastantes a explicar a infinidade de doenças do quadro nosologico. Bem á semelhança da chimica, a quem um pequeno numero de substancias por ora, reputadas ele-

mentares, basta para dar conta da composição dos innumeraveis corpos offerecidos pela natureza.

Todavia a doença é um facto mui complexo e variado, e os estados morbidos, que a compoem, sendo sempre modificações da mesma ordem, podem comtudo dividir-se em grupos, cujos membros tenham algumas relações de parentesco entre si, mas que diffiram dos membros do outro grupo por caracteres geraes, que influam poderosamente no seu grau de importancia clinica. Ha estados morbidos, que succedem a uma provocação, a uma simples impressao hostile, que acommetteu o systema, quando elle se achava no seu estado d'integridade, e cujas manifestações, fielmente representativas d'esses estados, exprimem simplesmente uma reacção de tendencias todas favoraveis. Ha porém outros casos, em que, anteriormente á modificação, existia já um estado morbido latente, uma viciação do systema, que póde revelar-se por actos manifestadores os mesmos, que os que succedem a uma pura provocação, mas que imprime a esses actos um cunho especial, e os domina de tal maneira, que a sua remoção ou neutralisação é quasi sempre indispensavel, para que a economia leve a bom fim a funcção pathologica enacetada, e que, em quanto existirem, são a origem perenne d'incommodos, que, repousando sobre o mesmo fundo, podem ser os mais variados na fórma. Ha em summa doenças affectivas, e doenças reactivas. N'estas o elemento morbido é o que a manifestação pura e simples revela: n'aquellas, além do elemento de manifestação, ha o elemento affecção, que domina a scena morbida, e que, sem offuscar completamente o primeiro, deve comtudo collocar em primeira linha no espirito do práctico.

Um exemplo facilitar-nos-ha a expressão do pensamento.

Suppondo que tres individuos se expuseram em circumstancias desfavoraveis á impressão d'uma corrente d'ar frio, e que esta determinou no primeiro uma pneumonia, no segundo uma contracção muscular spasmodica, no terceiro uma neuralgia, e que nada na etiologia, na symptomatologia, no commemorativo, nos indica complicação alguma diathetica ou affectiva, e que todos os phenomenos concomitantes se podem considerar sympathicos ou synergicos d'estas modalidades do systema, nós dizemos, que as modificações vitaes, que constituem os estados morbidos, que se revelaram n'um caso por por uma inflammação, n'outro por um spasma, e no terceiro por uma dôr, são os elementos morbidos das doenças em questão. Não se podem confundir, que os distinguem caracteres essenciaes: são simples, porque os phenomenos, que os constituem podem referir-se a um unico facto geral correspondente a uma só causa immediata. Formam cada um todo homogeneo, que suggere em casos analogos a mesma medicação. Acima d'estas modificações nada vemos no organismo, e se a causa provocadora deixou d'actuar, são ellas as unicas fontes d'indicação maior. Mas como estas modificações do systema, e os actos, por que se manifestam, são praticamente a mesma cousa,

porque estes representam fielmente aquellas, e não podem representar uma outra, authorisa-nos isso a substituir na expressão o effeito á causa, o acto morbido ao estado morbido, e dizer sem inconveniente para a pratica, que os elementos d'aquellas doenças são o elemento inflammação, o elemento spasma, e o elemento dôr: isto na hypothese de que as investigações clinicas fizeram considerar como simples as modalidades, de que esses actos são a traducção exterior. He a esta ordem d'elementos, que se dá o nome de elementos — *acto morbido*.

Porém se dous individuos affectados um da diathese syphilitica, e outro da diathese escrophulosa, debaixo da influencia de qualquer causa occasio-nal, ou mesmo por um acto spontaneo da economia, contrahiram uma ophtalmia, que prende em cada um d'aquelles estados affectivos, a analyse clinica é mais complicada. Aqui é ainda o facto phlegmasia, que se nos apresenta: mas acima d'este ha outros factos, outras modificações vitaes mais geraes, que dominam aquelle, e lhe imprimem caracteres differentes nos dous casos, e que fornecem indicações especiaes. O systema achava-se já viciado, desviado do seu estado normal, na occasião da manifestação morbida, e esta viciação vai traduzir-se e influir na funcção pathologica ophtalmia, ou outra qualquer, por que se revele a affecção. Estas affecções, estas modificações geraes do systema são tambem elementos: são estados morbidos distinctos, porque reconhecem etiologia, symptomatologia, lesões e therapeutica distinctas. São unitarias, porque todos os seus phenomenos manifestadores se prendem a uma causa unica, que em muitos d'estes casos apresenta o mais alto gráo da personalidade morbida. São simples, indivisiveis, não só porque são unitarias, mas porque todos os esforços, que se fizessem para as decompôr, conseguiriam sómente anniquilal-as: e já vai longe o tempo em que um dichotomismo inadmissivel ousou infructuosamente empreender quasi essa tarefa. A affecção syphilitica, escrophulosa, e todas as mais modificações da mesma ordem, são pois elementos morbidos.

Todavia, posto que a affecção, quando existe, seja o elemento de mais ponderação, o seu valor não deve fazer descónhecer o do acto morbido. Este existe em toda a doença. Seja qual fôr a affecção, é preciso saber de que maneira se revela aos sentidos do medico. Uma affecção, que permanecesse sempre latente, seria como se não existisse. E' unicamente em vista dos seus actos presentes ou futuros, que nos preoccupamos d'ella. Os actos morbidos, sejam quaes forem, febre, phlegmasia, spasma, trazem consigo consequencias, ou boas ou más, porém cujo conhecimento é sempre indispensavel, já pela sua influencia no orgão ou funcção, já porque são muitas vezes causas provocadoras d'outras scenas morbidas. Assim nos exemplos supra-citados, para se obter a cura radical da ophtalmia, devemos certamente tratar a affecção: mas, ou porque falta o tempo para se obter esse resultado, ou porque a phlegmasia se apresenta com um certo gráo de gravidade, ou pela im-

portancia do órgão lesado, o elemento de manifestação póde ser tambem origem d'indicação maior. No caso especial, a que alludimos, seria preciso impedir quanto antes as alterações anatomicas, que possam trazer apoz si incommodos, ou a perda total da visão. Isto, independente d'aquelles casos, infelizmente bastantes, em que, impotentes contra a affecção, nos vemos reduzidos a combater a manifestação.

Não entraremos agora no exame minucioso de cada um dos estados, que hoje se consideram elementos: nem a sciencia disse ainda a sua ultima palavra a esse respeito, podendo as investigações futuras, sem alterar o principio, ampliar ou restringir o seu numero, nem o nosso intento é examinar o contingente de luzes, que o estudo da lesão anatomica fornece para o conhecimento de cada um d'elles em particular. Seria mister para isso tempo e conhecimentos, de que não dispomos. Expondo em these geral a maneira como compreendemos a determinação da natureza da doença, será tambem em these geral, que examinaremos a parte que n'essa determinação compete á anatomia pathologica: por outra, que auxilios póde prestar o estudo das alterações organicas para o conhecimento dos estados morbidos affectivos ou não affectivos, que para nós traduzem a *natureza da doença*.

II

A Anatomia Pathologica e o Elemento — Affecção

E' pois aos estados morbidos, que nós devemos ir procurar o que caracteriza essencialmente a doença: é n'elles e só n'elles, que nós podemos achar os elementos morbidos. Não é nas lesões anatomicas, nem nos desarranjos funcçionaes, porque estes variaveis em extremo, são, *a priori*, considerados como resultados d'uma causa, cuja feição não são bastantes a caracterisar, mas cujo conhecimento é sempre de maior importancia para a therapeutica. Pode conceber-se estado morbido sem manifestações organicas ou funcçionaes: nunca estas sem aquelle. A medicina antiga conhecia bem toda a importancia d'este elemento, e bem que desajudada dos meios actuaes d'observação, e das luzes da anatomia pathologica, era elle sobretudo, que mais lhe prendia a attenção. A' vista d'um phenomeno morbido, importava-lhe menos a modificação viciosa do órgão, que a perturbação dinamica primitiva, que produzia esse phenomeno n'aquelle, e por aquelle órgão. Pouco conhecedora das condições instrumentaes, saltava directamente dos symptomas á indagação da natureza da doença, para n'ella procurar as origens d'indicação maior. O mesmo Hippocrates reconhece impli-

citamente a importancia d'esta indagação, fallando a respeito da sangria. «Está indicada, diz elle, quando o individuo é robusto, no vigor da idade, que a doença é mui aguda, a inflammação intensa, etc. Hippocrates não diz, que se deve empregar a sangria na erysipela, no pleuriz, na disenteria; porque estas palavras designam actos morbidos, que podem depender d'estados morbidos diversos, e mesmo oppostos. Aconselha-a sómente para um estado morbido particular, cujos caracteres o denunciam pelo estado inflammatorio. A sagacidade clinica suppria a falta de meios auxiliares de diagnostico. Porém quando a anatomia pathologica veio metter em linha de conta a condição organica, que unia os symptomas ao estado morbido, a multiplicidade de conhecimentos obtidos d'essa exploração, o espirito analytico da época, e o *sensualismo*, que então reinava, bem depressa exageraram essa noção, a ponto de a fazer considerar o facto principio dominador da scena morbida, o ultimo ponto, que ao observador é dado attingir, *acima do qual não havia senão trevas e conjecturas*. O estado morbido, como a medicina antiga o considerava, foi proscripto como ontologia e chimera, e a natureza da doença achava-se toda na lesão anatomica. Substituiu-se a anatomia á physiologia, a autopsia á clinica, o cadaver ao doente. Indagações ulteriores fizeram plena justiça d'estas idéas. Os abusos do anatomo-pathologismo passaram, e foi a mesma anatomia pathologica que concorreu a mostrar, que acima da lesão organica havia alguma cousa mais importante, que essa lesão não era bastante a revelar. O estado morbido, encarado á luz da sciencia moderna, tornou-se o facto fundamental da doença, mas, para chegar a determiná-lo, a medicina moderna tinha sobre a medicina antiga a vantagem de mais um poderoso meio auxiliar, o conhecimento da lesão organica, todo devido aos estudos anatomo-pathologicos. Não ha duvida, que a alteração organica é ainda um facto secundario e variavel, uma especie de symptoma, mas um symptoma interno, e collocado por isso mais perto do caminho, que conduz á causa, que os symptomas externos propriamente ditos, e por isso mais importante. E' um effeito, sem contestação, mas um effeito, que, confundindo-se quasi com a causa, pode até certo ponto representá-la: é um resultado, mas mais intimo e immediato. E considerada mesmo como resultado, a alteração organica revela por seus caracteres distinctos e permanente, pelo desenvolvimento de seus estados successivos a acção occulta da causa bem melhor, que os signaes exteriores, sempre fugitivos, e variaveis, e que as mais das vezes podem considerar-se symptomas de symptomas.

Até que ponto chega pois a anatomia pathologica na caracterisação do estado morbido?

Dizer o que elle seja em si, é problema, que nem a anatomia pathologica, nem alguma das outras sciencias medicas ou accessorias foi ainda capaz de resolver. Importava penetrar o mysterio da vida. Reconhecido por todos

aquelles, que sabem distinguir o fundo da forma, o ser do parecer, o estado morbido é concebido differentemente segundo as crenças medicas adoptadas. O organista colloca-o n'uma lesão imperceptivel da trama organica; o humorista na alteração d'um fluido; o chimista nas affinidades moleculares intimas, que não se exercem d'um modo conveniente; o nervosista n'uma alteração d'innervação; o vitalista n'uma modificação do principio vital, etc. Para nós é uma modalidade do systema vivo, sobre cuja essencia nos não perderemos em conjecturas: basta-nos saber, que existe, que é uma realidade, que a intelligencia attinge, certa de se não enganar, e de fazer ali boa colheita d'aquisições positivas e uteis, e que se reconhece por effeitos e circumstancias caracteristicas, sufficientes a distinguil-a d'outras modalidades da mesma ordem. Mas se a anatomia pathologica não decifra o que seja o estado morbido, haverá entre os seus effeitos alguns, que sejam da sua competencia?

Ha aqui uma distincção a fazer. O estado morbido póde succeder a uma provocação, e manifestar-se immediatamente por um acto reflexo apreciavel: pode consistir n'uma affecção, que se denuncia por actos morbidos exteriores: mas n'este ultimo caso, quando o estado é affectivo, pode tambem estar latente, como que em potencia muito tempo, sem que o organismo dê o minimo signal de rebate. A affecção paludosa está annos, sem que entre duas manifestações haja o mais leve indicio symptomatico da sua presença no organismo. Em muitas doenças ha um periodo d'incubação, mais ou menos prolongado, em que nada faz suspeitar o trabalho morbido interior. Poderá a anatomia ou a chimica pathologica mostrar-nos n'este caso alguma viciação humoral, alguma alteração de tecidos, que se não trahia exteriormente? No sangue ou nos outros liquidos ou solidos d'um individuo affectado da diathese syphilitica, cancerosa, herpetica, e quando ellas se acham latentes, haverá algum principio novo, ou alguma modificação de principios, que caracterise aquellas affecções? Ha muito quem pense que nas diatheses existe um vicio humoral, quer elle seja determinado directamente pela causa morbifica, quer seja um effeito secundario, e precedido d'uma acção primitiva, que é o impulso hereditario nas diatheses innatas, e a impressão virulenta, purulenta ou toxica nas adquiridas. As perturbações diversas da nutrição molecular dos tecidos, que se produzem debaixo da sua influencia, reconheceriam sempre por intermedio uma modificação do sangue, ou dos outros humores. A idéa é admissivel: mas nem a anatomia nem a chimica pathologica vieram por ora confirmal-a com a prova directa e experimental. Antes que o cancro ou um accidente syphilitico venham denunciar a existencia das diatheses correspondentes, ainda ninguem descobriu no organismo algum principio ou modificação, que as caracterise. Pode isso depender em grande parte da imperfeição dos meios d'analyse, ou da a complicação do problema: nin-

quem sabe onde chegará a analyse anatomica, e a analyse chimica, apesar dos immensos progressos, que a chimica tem feito, e que convidam a depositar n'ella as mais fundadas esperanças de esclarecimento sobre todos os problemas naturaes, ainda não pôde sequer descobrir no ar os miasmas, que produzem a infecção paludosa, ou outra, onde tudo racionalmente parece indicar a sua presença. Não admira pois, que n'um corpo tam complexo como o sangue, ou os outros liquidos organicos, tam sujeitos a variações na quantidade dos seus elementos, compostos de substancias de tam facil destruição, não tenha sido possivel descobrir um principio, que aos caracteres chimicos communs das substancias organicas, juntasse o diminuto de quantidade e a rapidez de decomposição. Os resultados negativos das analyses até agora feitas não são de per si bastantes a contestar a existencia de taes modificações. Dão-se além d'isso muitas outras circumstancias attendiveis, e que podem até certo ponto explicar-nos o infructifero de taes tentativas. Desde que se reconheceu, que corpos com a mesma composição chimica, em que a analyse revela os mesmos elementos, e nas mesmas proporções podem comtudo apresentar propriedades mui differentes, mesmo oppostas, desde que o *isomerismo* veio interpor mais uma incognita no problema já tam complicado da analyse organica, este deveu procrastinar a sua resolução definitiva até á determinação do valor d'aquella incognita. As palavras *isomerismo*, *catalyse*, são expressões, que indicam lados da questão, ainda carentes d'interpretação positiva.

Ainda mais. No organismo não ha só liquidos, gases e solidos: ha tambem imponderaveis, e entre estes parece haver um, que a alguns caracterés especiaes junta outros de muita similhança com o fluido electrico: e ha muitas doenças d'aquellas denominadas *sine materia*, que parece não dependerem d'outra cousa, que d'uma alteração na distribuição d'esse fluido. Quando nós vemos accessos eclampticos succeder a uma tittilação da planta dos pés, ou á presença de vermes, para cessar com a causa, que lhes dá origem, quando vemos graves desordens funcionaes succeder a uma impressão moral, ou outros quaesquer phenomenos d'este theor, faz-nos isto crer, que nas doenças nei vosas ha alguma outra cousa, que puras alterações materiaes accessiveis ao microscopio, e argumentando por analogia do mundo inorganico para o mundo organico, assim como acolá nós vemos uma excitação electrica na extremidade d'um fio transmittir-se instantaneamente a todo elle, communicar-lhe propriedades novas, sem que a analyse descubra alteração na sua constituição, assim tambem é possivel, que se dê no corpo vivo, e isto explicar-nos-ia a deficiencia dos dados anatomicos n'uma boa parte das doenças. Quaes as relações d'esse fluido com os órgãos é terreno ainda virgem de toda a exploração, e que exige a solução previa da questão analogica de physica. Vê-se pois, que de todos os lados ha obscuridades: que sabemos ainda muito pouco das relações do microcosmo com o macro-

cosmo, e que cada raio de luz, que a sciencia faz brotar, parece vir só tornar mais sensivel a obscuridade, que reina sobre mil outros novos pontos de vista. Em conclusão deduz-se portanto, que a anatomia ou a chimica pathologica, apesar de todas as suas descobertas e aperfeiçoamentos, nada souberam ainda dizer sobre as diatheses, sobre o estado morbido latente, que se não manifesta por symptomas externos; nem confirma, nem desmente as opiniões, que cada um formar áquelle respeito: n'uns casos talvez porque ainda não pôde; n'outros talvez porque nunca possa.

Porém se a anatomia pathologica nada diz sobre a diathese em si, sobre o estado morbido latente, poderá ella dizer alguma cousa, que concorra a especificar esse estado morbido, quando elle se traduz por actos morbidos apreciaveis? Influirão alguma cousa os caracteres anatomicos d'esses actos morbidos no conhecimento da affecção?

Influem sem duvida, mas é preciso não exagerar o seu valor. Houve tempo, em que a alteração organica, como mais fixa e invariavel que os symptomas, foi considerada a melhor base, sobre que podia assentar uma boa nosologia: em que, determinando-se qual era a natureza da alteração, se julgava ter descoberto a da doença, que aquella representaria sempre fielmente. Essas idéas já pertencem á historia: hoje que as observações clinicas tornaram a occupar o lugar, que lhe haviam usurpado os estudos de amphitheatro, hoje que a lesão anatomica é considerada um puro symptoma interno, um effeito secundario, cuja natureza não tem relação constante com a natureza da affecção, que o fez nascer, não é permittido pensar assim. Em primeiro lugar nada mais commum, que estados morbidos, que se não traduzem por alteração organica alguma. A lesão somatica não é portanto o elemento essencial da doença, porque nem sempre existe, em quanto que o estado morbido conhecido ou desconhecido deve sempre existir. Em segundo lugar a natureza da alteração, ainda mesmo quando esta existe, não traduz sempre a natureza da doença: a mesma affecção pôde dar lugar a vinte alterações diversas, e a mesma lesão somatica pôde ser originada por causas mui variadas. Nota-se, é verdade, que as affecções teem cada uma seus actos morbidos habituaes e seus tecidos ou órgãos d'eleição: é assim por exemplo, que a affecção escrophulosa se fixa mui frequentes vezes nos pulmões, e alli se revela pela tuberculisação: que a affecção cancerosa se manifesta ordinariamente no utero ou nas glandulas mammarias por neoplasias d'uma natureza particular: que a affecção rheumatismal se concentra no coração e seu involucro, e que a affecção syphilitica vae desenvolver exostoses nos ossos do craneo. A' vista dos caracteres de certas alterações, dos órgãos em que se dão, podemos muitas vezes quasi determinar com exactidão a affecção, que lhes deu origem. Mas esta lei organica será tão geral, que não possa dar-se o contrario? Seria arriscado o pensal-o. Nada mais commum, que vêr diatheses differentes produzir alterações si-

milhãntes, e vice-versa. Scarpa provou, que todas as diatheses podem fixar-se sobre os olhos. A affecção sylphitica póde manifestar-se não só nos ossos do craneo ou na pelle, mas nas vertebrae, no estomago, intestinos, e nas demais viscerae, e até por accidentes nervosos. A diathese escrophulosa póde revelar-se de modos mui diversos no mesmo órgão, e a bronchite, a pneumonia, e a tuberculisação pulmonar, são ainda doenças, que podem reconhecer o mesmo fundo. Quanto á diathese cancrosa ainda hoje se não está bem d'accordo sobre toda a qualidade de manifestações, que a podem accusar.

As diatheses podem pois fixar-se sobre todos os órgãos, bem que tenham preferencia por alguns; podem dar origem a alterações organicas ou dynamicas muito variadas, bem que tenha cada uma seus meios habituaes de manifestação, e dada uma diathese é difficil prever, qual será a sede do apparecimento, e a alteração que fará nascer. Os elementos morbidos de manifestação sendo os mesmos para os estados morbidos affectivos, ou não affectivos, succede, que doenças similhantes no fundo differem na apparencia, e que outras, que differem effectivamente teem analogias exteriores muito grandes: differentes pela causa real, a affecção, e assemelhando-se unicamente na alteração funccional, a mesma, quando se fixam nos mesmos órgãos. Conhecer pois a sede da alteração, mesmo a sua natureza, ainda não é tudo: é bem pouco. se se não conhecer a natureza da affecção, que a fez nascer. Sem o conhecimento da alteração, e tendo sempre em vista a affecção podem alcançar-se successos brilhantes na pratica; podem curar-se as doenças, e era assim, que procediam os medicos antigos, desajudados das luzes da anatomia pathologica. O conhecimento da alteração sem o da affecção não offerece as mesmas vantagens, se se faz residir toda a doença na alteração. Tratada segundo este principio falso, a doença mostra-se rebelde, ou desaloja-se d'um ponto, para reaparecer em outro mais formidavel e mais grave. A sciencia retrogradou, quando a exaggeração e a imperfeição dos conhecimentos fizera olvidar os principios antigos, e pretendera mostrar a doença só na lesão accessivel aos sentidos. As acquisições consecutivas, e um estudo mais completo vieram depois dissipar as primeiras illusões. As verdades antigas receberam então a mais solemne confirmação das luzes da anatomia pathologica. Por ella mesma se provou, que o acto morbido, ainda o que imprime caracteres mais apreciaveis na trama organica não é sempre a traducção exacta do estado morbido; que os estados geraes ou diatheses nem sempre dão lugar ás mesmas alterações organicas, e que a mesma alteração póde ter por origem diatheses differentes: que a variabilidade d'effeitos nem sempre suppõe variabilidade na natureza da causa, unica base segura do tratamento. Confirmou pois, mas não fez só confirmar: auxiliou poderosamente a solução da questão primaria do diagostico. Metteu mais um elemento em linha de

conta para a determinação do estado morbido: elemento sempre importante como meio auxiliar, de importancia maior que os outros, como effeito mais immediato e mais fixo, e que melhor póde accusar os caracteres da causa. Não é esta por certo uma das mais pequenas vantagens, que a medicina moderna tem sobre a medicina antiga.

Concebe-se, que não iremos agora examinar um a um todos os estados morbidos affectivos, que se traduzem por actos plasticos, para da comparação d'uns com os outros tirarmos as provas das proposições acima enunciadas. Citaremos simplesmente um exemplo, que não só é o mais comprovativo de todos, por se referir a um estado morbido, que se manifesta sempre por neoplasmas, mas ao mesmo tempo o mais interessante pelas acaloradas discussões, que em tempos mui recentes tem suscitado, exactamente a respeito do assumpto em questão. Fallamos da affecção cancerosa. Desde que o microscopio veio ampliar os limites da observação, pareceu distinguir-se n'alguns neoplasmas d'esta natureza um elemento particular, que não tinha igual em nenhum outro tecido organico. Esse elemento, a que se deu o nome de *cellula cancerosa*, foi pois considerado o unico character invariavel e especifico d'aquella ordem de produções. Só a verificação d'este character valeria mais que todos os outros juntos, e a sua presença ou ausencia bastaria a illucidar-nos sobre a natureza da causa proxima do neoplasma em questão. O anatomo-pathologismo ganharia então no campo da micrographia todo o terreno, que as observações clinicas precedentes lhe haviam feito perder.

E qual é então o alcance clinico da nova descoberta do microscopio no campo da anatomia pathologica? Haverá de facto em todas as neoplasias cancerosas um elemento anatomico especifico, que baste a determinar a natureza do estado morbido, que o originou, e o faça distinguir dos outros?

A primeira questão, a da especificidade da *cellula cancerosa*, parece estar hoje definitivamente resolvida no sentido opposto: investigações ultteriores, e de micrographos habeis, Virchow, Vogel, Bennet, e outros, tendo mostrado a similhaça, que havia entre ella, e as *cellulas epitheliaes*, as da choroide, do pulmão, e sobretudo da medulla dos ossos. A *cellula cancerosa* veio como a final as outras heteromorphias a ser considerada pura aberração de tempo e lugar. Todavia o seu valor clinico poderia, ainda persistir, a presença d'este elemento em partes em que normalmente não existe sendo um character sufficiente a distinguir certos estados morbidos. Veremos comtudo, sem negar completamente esse valor, que ainda assim não é tão absoluto, como a escola micrographica franceza quiz a principio suppôr.

E' bem sabida a confusão, que ainda no principio d'este seculo reinava sobre a classificação dos tumores, a imperfeição das classificações de Boyer, Scarpa, Abernethy, Cooper, sobre o assumpto. e a indecisão, em que deixa-

ram sobre a natureza das produções em questão. Foi depois das applicações do microscopio ao estudo d'estas produções, que se julgou poder fazer d'elles uma classificação mais rigorosa, baseada na sua textura anatomica. A presença d'um certo elemento histologico, a que se deu o nome de cellula cancrosa, reunida a uns ou outros elementos, ao tecido fibroso, á melanose, ao tecido colloide, caracterisava essencialmente uma certa ordem de tumores, que se denominavam cancrosos, como a cellula epithelial ou o elemento fibro-plastico caracterisavam os tumores d'estes nomes. A confusão desaparecia, e nada mais positivo e fixo, que uma classificação de tumores baseada sobre a sua constituição anatomica. A questão porém era da sua applicação á clinica: era saber, se estes caracteres anatomicos coincidiam com os caracteres clinicos, de modo qued'uns se podesse inferir para os outros. Só assim é que a nova classificação poderia ter algum alcance medico. Os micrographos decidiram a questão pela affirmativã. Tomando por divisa a famosa lei de Bichat, «que quando duas doenças differem pelos seus symptomas, pela sua marcha, pela sua terminação, ellas differem tambem pela sede, e lesões, que as acompanham; e reciprocamente, quando as lesões anatomicas são differentes, quando a estructura de dous productos pathologicos não é a mesma, as desordens funcionaes, a evolução, constituem tambem affecções de natureza distincta», não hesitaram em proclamar a differença radical dos estados morbidos, causa proxima d'aquellas nosorganicas. Assim, foi partindo d'este principio, que Mr. Lebert estabeleceu uma classe de cancros, constituída pelo encephaloide, o schirro, o colloide, e o melanico, porque o microscopio lhe revelava n'estas quatro especies a mesma cellula caracteristica, denominada cancrosa. Todos os outros tumores, que não apresentassem este elemento reputado heteromorpho seriam productos d'affecções differentes, nosorganicas de natureza benigna, e que de modo algum poderiam ter uma marcha ou evolução semelhantes ás do cancro. A heteromorphia seria o indicio de malignidade, como a homœomorphia revelaria a benignidade. A clinica porém veio ainda mais uma vez dar um desmentido ás pretensões d'este novo anatomo-pathologismo: outra vez provou, que com ou sem microscopio a anatomia pathologica não vê senão o cadaver, e que leis inventadas no amphitheatro não podem servir de bussola á clinica. O microscopio tendo por exemplo mostrado, que esses tumores labiaes, que vulgarmente se denominavam cancros, não eram formados d'outros elementos mais que cellulas epitheliaes, Mr. Lebert declarou, que taes tumores não eram cancros, e deviam ser considerados de natureza benigna. E todavia esses tumores repullulavam tão obstinadamente como o verdadeiro cancro, e não só o faziam no lugar de que tinham sido extirpados, mas, da mesma forma que o cancro se manifestavam nos ganglios visinhos, e haviam mesmo factos de terem dado lugar a uma infecção visceral. Uma outra ordem de

tumores de tecido homœomorpha, que se havia tambem classificado nos benignõs era a dos fibro-plasticos. Ainda para estes se apontaram casos immensos de repullulaço, quer no mesmo lugar, quer nas visceras, e produzindo a morte apoz uma cachexia, que em nada differia da cachexia cancerosa. A cellula cancerosa foi afinal observada em tumores cujos caracteres clinicos differiam essencialmente dos do verdadeiro cancro, e, quando apoz a extirpaço d'um tumor havia a reproducço, notou-se muitas vezes que a um tumor sem cellulas succediam tumores com cellulas, e reciprocamente. Forçoso era pois confessar, que só a consideraço do character anatomico não podia fazer prever a marcha e evoluço da doença: diremos mais; conduziria frequentes vezes a erros de diagnostico e prognostico. Se se tratasse d'anatomia pathologica só, sem duvida que seria a textura o melhor character differencial dos tumores, mas desde que se queira impôr esta classificaço a uma sciencia, que reconhece leis inteiramente diversas, origina-se uma confusão deploravel. Ao lado do tumor fibro-plastico maligno, que repullula, que infecta a economia encontrar-se-ha o keloide, que nunca se ulcera, o polypo, o ganglio indurado, etc.. formados do mesmo elemento histologico; ao lado do epithelioma labial achar-se-ha o pterigion, o condyloma syphilitico, uma callosidade de pelle, que a analyse microscopia mostra sómente constituidos por cellulas epitheliaes: e todavia quem não conhece a distancia immensa que os separa? Isto não quer dizer, que o estudo microscopico seja ocioso: é sem duvida de grande importancia debaixo do ponto de vista da anatomia e physiologia pathologicas, para nos illucidar sobre todas as manifestaçoes possiveis d'uma affecço, e para juntar mais um signal áquelles que nos elevam á determinaço do estado morbido. Só o que queremos dizer, é que no estado actual dos conhecimentos anatomopathologicos, do character anatomico, microscopico ou não microscopico, não póde ainda inferir-se absolutamente para os caracteres clinicos; auxilia-os, mas não os substitue. A nova tentativa do anatomo-pathologismo abortou como as antecedentes, mas a utilidade da anatomia pathologica ficou. Ampliaram-se os estudos histologicos; abriu-se uma nova serie d'investigaçoes, já abundantemente fornecida; a cellula cancerosa homœomorpha ou heteromorpha, se como signal negativo não tem o valor que se lhe attribuia, ficou todavia como signal positivo de grande importancia: provou-se mais uma vez, que a lesão organica microscopica ou sensivel não é o ultimo termo do processo morbido, e no caso especial, a que alludimos, tornou-se um facto averiguado, que assim como a affecço syphilitica se revela na pelle, nas mucosas ou nos ossos, e a affecço rheumatismal nas articulaçoes ou no coração por alteraçoes variadas, assim tambem a affecço cancerosa póde manifestar-se por productos morbidos os mais distinctos na fórma, e todavia identicos no fundo.

A Anatomia Pathologica e o Elemento — Acto morbido

Os actos morbidos são sempre, como dissemos, os meios porque se manifestam os estados morbidos, quer sejam affectivos, quer não. Como taes comprehendem phenomenos apreciaveis: devem pois apresentar sempre e necessariamente uma modificação descriptivel do aggregado vivo. Entre elles porém há uns, que se reconhecem por simples perturbações funcçionaes, e sem lesão apreciavel da trama organica: são os actos morbidos dynamicos. Ha outros, que se acompanham d'uma alteração sensivel de estrutura: são os actos morbidos organicos. Divisão definitiva ou provisoria, é certo que somos hoje constrangidos a admittil-a. Sobre os primeiros nada diz a anatomia pathologica, ou pela imperfeição dos seus meios d'observação, ou pela sua incompetencia sobre o assumpto: são-lhe inteiramente applicaveis as considerações, que a este respeito já fizemos, ao tratar do elemento affecção. Pertencem-lhe os segundos, e constituem o seu dominio, e não será por certo no estudo das produções morbidas, que accusaremos a sciencia de pobre, e as investigações de descuradas. Como corpo de doutrina a anatomia pathologica conta uma massa já imponente de conhecimentos. Que tem dado porém esses conhecimentos para a clinica? He esse por certo o ponto de vista mais interessante para aquelles, que como nós se destinam á vida prática.

Uma nosorgania qualquer suppoem sempre um trabalho vital no logar da sua produção. He a acção da *capacidade morbida*, que nós designamos pelo nome de elemento — *acto morbido*. — Ha porem nosorganias, que acima d'este trabalho local suppoem uma modificação prévia geral do systema vivo, que lhe imprime um caracter especial. A analyse clinica mostra então, que dous elementos presidiram á sua produção: o elemento affecção, e o elemento acto morbido. Estão no primeiro caso um lipoma, uma indução ganglionar: são exemplos do segundo um tumor canceroso, uma vegetação syphilitica. A solução completa do problema clinico importa a determinação d'esse ou d'esses elementos. Quaes as relações do producto morbido com o elemento affecção já nós tentamos examinar nos paragraphos precedentes. Resta-nos agora, considerando as nosorganias todas só no logar da sua manifestação, examinar, que relações possa haver entre ellas, e o trabalho local, que as produziu immediatamente.

Houve tempo, em que uma unica modalidade vital bastou á explicação de todas as neoplasias. Só com o elemento—*inflamação*—, em diversos

graus, e nos diversos tecidos, Broussais tentava explicar a formação de todos os productos morbidos. Veio depois o anatomo-pathologismo, que acima da lesão não viu senão trevas e conjecturas, e que se limitou por isso a verificar a existencia das alterações, importando-se pouco do modo porque ellas se formavam. Existia a lesão: era o facto primordial da doença. Na reacção, que suscitou a queda dos dous systemas, rejeitaram-se ambas as opiniões. Reconheceu-se, que acima da lesão havia um trabalho vital, cuja determinação era essencial, e que o unico meio de racionalisar a therapeutica era dissipar essas trevas, que o envolviam: mas pareceu tambem, que a inflammação não era capaz de dar conta da formação de todas as produções pathologicas. A' excepção d'um pequeno numero, que revelavam manifestamente a sua origem phlegmasica, todas as outras foram consideradas per-versões de nutrição ou das secreções de natureza especial.

Hoje porém, que cessou a reacção contra a doutrina physiologica, e que por algum tempo fez obscurecer algumas verdades emittidas por Broussais, hoje volta-se um pouco ás suas idéas pathogenicas. Não nos referimos á suprema autocracia da sua *gastrite* ou *gastro-enterite*: mas a idéa de applicar a noção de irritação ou inflammação á genese das lesões pathologicas, tende a reviver, reforçada com todo o apoio, que podem prestar-lhe os trabalhos physiologicos contemporaneos. Não existindo agora relação necessaria entre a idéa d'inflammação, ea d'um tratamento espoliador, os medicos livres do receio d'este, começam a reconhecer, que bom numero de lesões, a que durante um certo tempo se tinha recusado todo o character phlegmasico, não são todavia senão vestigios d'um trabalho inflammatorio actual ou anterior, dominado por uma causa qualquer. Esta tendencia revela-se em França nos trabalhos mais recentes. Em Inglaterra Benett (*The principles and practice of Medicine*, Edimburgh, 1859) fez d'esta idéa a base da sua doutrina. Finalmente Virchow generalisou a theoria da irritação tanto ou mais que Broussais, pois que para elle a actividade propria das cellulas não póde ser posta em exercicio senão por um agente irritante, qualquer que elle seja. Parece, que tudo tende a mostrar, que a inflammação é uma alteração de nutrição, alteração, que póde produzir-se nas doenças as mais oppostas. e debaixo da influencia de causas as mais diversas.

Quer isto dizer, que o problema clinico se ache completamente resolvido? Não: mas só que a sciencia se acha no bom caminho, o unico, que póde conduzir á sua solução. A's novas idéas falta ainda a sancção do tempo e da experiencia, e nem podemos por agora dizer, quaes sejam d'entre as innumeraveis especies de nosorgancias, as que derivem do processo inflammatorio. No estado actual da sciencia além de dous ou tres elementos — acto morbido — organicos, bem determinados, somos forçados a admittir provisoriamente um numero indeterminado de elementos proprios da plasticidade morbida, e o futuro se incumbirá de mostrar, a quantas modalida-

des clinicamente semelhantes, a indagação dos seus caracteres nosologicos e therapeuticos fará restringir esse numero.

.....

E' pois certo, que se a natureza da alteração nem sempre é bastante a revelar a capacidade morbida do organismo, que entrou em acção na sua producção, não deixa por isso de ser em todos os casos um dos caracteres de mais valor para essa determinação. O conhecimento da natureza da alteração combinado com o da sede, dizem muitas vezes mais, que todos os outros caracteres juntos, e podem mesmo em certos casos elevar elles sós á noção do estado morbido. Mas como apreciar no vivo essa natureza, quando a lesão não cabe immediatamente debaixo dos sentidos? De pouco serviriam directamente á clinica os estudos anatomo-pathologicos, se não esclarecessem o problema semeiotico. Esta apreciação porém nem sempre é facil. O mais insignificante tumor, que se occulta debaixo da pelle, frustra muitas vezes todas as tentativas de diagnostico. A mesma falta de relação, que existe entre a affecção e a alteração, dá-se tambem entre esta e os symptomas. Assim como a uma causa unica correspondem alterações diversas, e reciprocamente, assim tambem a mesma alteração se revela por symptomas diversos, ou alterações as mais variadas por symptomas analogos. Para completar a analogia da comparação, ha mesmo casos d'alterações mui graves, que não deram durante a vida nenhum signal de si. Em individuos mortos de idade avançada tem-se encontrado o coração adherente em toda a sua extensão ao pericardio, sem que nem incomodos de respiração, nem infiltração dos membros, fizessem suspeitar esta grave alteração. O cancro uterino é algumas vezes tão duvidoso, que a doente nem se apercebe dos seus progressos. Os kystos pilosos do ovario não dão indicio da sua formação durante muitos annos. E a phtysica pulmonar quantas vezes se occultava ao observador antes da descoberta de Laennec?

Desde Morgagni, que se trabalha activamente n'este intuito de esclarecer a semeiotica, como o ponto de vista mais importante para a medicina pratica. Muitas difficuldades se tem aplanado, muitos resultados uteis e proveitosos se tem colhido, mas a par d'estes, devemos confessar, que ha ainda muitos, que, a despeito de todos as tentativas, conservam ainda toda a sua obscuridade. Não ha signaes geraes de muitas alterações communs, taes como hypertrophias, atrophias, ulcerações, transformações, etc. Ha sem duvida symptomas d'estas lesões, mas esses symptomas não especificam a sua natureza. Muito menos existem signaes especiaes da sua presença n'este ou n'aquelle aparelho. Sabe-se muitas vezes, que uma alteração existe n'um certo ponto, porque o desarranjo funcional ahi a revela, mas ignora-

se qual ella seja: hesita-se entre quatro ou cinco hypotheses, como de cancro, escrophulas, induração, atrophia, etc. A rasão é simples: desde que um órgão está lesado, em virtude do nexu, que ha entre todas as suas funcções, a perturbação d'uma traz logo consigo o desarranjo das outras. E' assim, que em quasi todas as lesões do pulmão e coração se encontra a difficuldade de respirar, a tosse, a febre, etc.; que a ictericia é um symptoma commum á hepatite, ao cancro, e á hypertrophia do figado: que com todos os signaes racionaes d'um cancro do pyloro se encontra apenas á autopsia um aperto d'este orificio.

Ha porém alguns casos, em que da symptomatologia ou da marcha de um acto morbido se póde concluir para a lesão organica, que originou aquella manifestação. A comparação minuciosa e constante de certas alterações com os seus signaes physicos, e com os symptomas vitaes, que as acompanham, permittiu apreciar melhor as suas relações, de modo que de uns se podessem tirar illações para os outros, como por exemplo na distincção d'um encephaloide, d'um adenoide, ou d'um tumor fibroplastico. A marcha lenta ou rapida distingue tambem certos actos morbidos. verbi-gratia o amolecimento cerebral da apoplexia, o que não quer dizer, que em alguns casos não appareçam excepções. Mas onde a semeiotica mais progrediu, foi sem contestação no estudo das doenças da cavidade thoracica. O genio de Laennec soube crear para ellas uma symptomatologia especial tão rica como exacta, pela qual as alterações internas se tornam d'algun modo exteriores: o ouvido substituiu o olho. Acharam-se signaes particulares e seguros para reconhecer e distinguir a phtysica por tuberculisação da phtysica por bronchite escrophulosa, a pneumonia chronica, a pleurite, o hydrothorax, para determinar a dureza, consistencia e permeabilidade do órgão, e avaliar todos os periodos da degeneração organica: certeza de diagnostico tanto mais preciosa n'estas doenças, pela difficuldade de as distinguir, as lesões dos órgãos do peito revelando-se ordinariamente por symptomas funcionaes communs.

Muito teriamos a acrescentar, se quizessemos mencionar as doenças do coração, dos ossos, todas as applicações do microscopio, sthetoscopio, plessimetro, opthalmoscopio, laryngoscopio, e de todos esses instrumentos, que collocam immediatamente debaixo dos sentidos as alterações mais reconditas, e sobretudo do contingente fornecido pela chimica na analyse das alterações pathologicas dos liquidos organicos. Não entraremos n'essas especialidades. Quizemos só enunciar o principio geral, que, se não ha uma relação absoluta entre os symptomas e a alteração, entre a natureza d'esta e a natureza do estado morbido, de modo que uns traduzam sempre os outros com exactidão, formam todavia reunidos um complexo de caracteres de grande valor semeiologico, entre os quaes avultam os do dominio da anatomia pathologica, e ao futuro pertence esclarecer cada vez mais as connexões, que

existam entre estas tres partes constitutivas da scena morbida; symptomas, lesão organica, estado morbido.

IV

A Anatomia Pathologica e a Sede das doenças

Qu'est-ce la maladie, dont on ignore le siège? Dissera Bichat, repetira com elle toda a seita anatomo-pathologica, e tomara Broussais para epygraphie do seu livro sobre as Phlegmasias chronicas, como para nos indicar, que a determinação da séde da doença é o principal problema do diagnostico. Assim devia ser então. Quando todas as doenças eram reputadas locaes, quando todas se julgava consistirem n'uma alteração organica, quando o problema da natureza da doença se achava d'antemão resolvido por uma unica modalidade, a inflamação, a indagação da sua séde não podia deixar de ser o primeiro quesito da observação medica. Mudaram as idéas, e com ellas inverteu-se a importancia dos elementos do diagnostico. Uma grande parte das doenças, todas as affectivas, passaram á cathegoria de doenças geraes: doenças locaes consideram-se apenas os actos morbidos, que não prendem em algum estado affectivo ou diathesico, ou que tem uma determinação circumscripta: muitos d'elles não se revelam por alterações organicas apreciaveis, e a especificidade morbida tornou-se outro vez o facto capital da pathologia. Ao dichotomismo de Broussais succedeu uma multiplicidade de elementos morbidos affectivos ou não affectivos, de natureza radicalmente distincta. A indagação da natureza da doença tornou-se outra vez a questão mais importante do diagnostico, como origem, que é, das indicações principais: a indagação de séde, ou mais propriamente da determinação morbida, não póde vir senão em segunda linha. A' vista d'uma ophtalmia, d'uma angina importa-nos de certo mais para o tratamento saber, se é da natureza inflammatoria, syphilitica, escrophulosa ou diphteritica, que a séde precisa do acto morbido. Uma nevralgia acalma-se por meio das estupefacientes, seja qual fôr a sua séde: nada sabemos da séde de febre intermittente, e curamos todavia as suas fórmas mais assustadoras, e ainda que a conhecessemos, de certo não a curariamos melhor; temos uma acção especifica evidente sobre muitas cachexias, de que ignoramos a séde, de que não verificamos mesmo a existencia senão por dados materiaes mui fugitivos.

Ainda assim, dizer, que o conhecimento da determinação morbida deve vir depois do da natureza do estado morbido, não é attenuar a sua importancia. Se um indica o meio therapeutico, o outro indica o modo e lugar da

applicação: indica mesmo muitas vezes, qual dos agentes da medicação indicada deva ser preferido pela especialidade d'acção sobre certos órgãos: e quantas vezes, impotentes contra o estado morbido, não imos buscar as origens d'indicação só á séde, mormente nos casos cirurgicos? Ha demais em muitos casos uma tal solidariedade entre a natureza e a séde d'uma doença, que o conhecimento d'esta é indispensavel ao d'aquella: só as investigações cadavericas ensinaram a distinguir muitas doenças sympathicas das idiopathicas, e a discernir casos, que só a consideração da symptomatologia poderia fazer confundir. Por tanto o conhecimento da determinação morbida, se não occupa em geral na observação clinica o lugar, que poderia inferirse da proposição de Bichat, não deixa por isso de fornecer elementos bem importantes para a therapeutica, e muitas vezes de tanta importancia como o da natureza do estado morbido; de importancia primaria, quando só elle é origem d'indicação maior. Bem reduzido que fosse o numero d'esses casos, seria isso bastante a justificar todas as pesquisas, que possam fazer-se n'esse sentido. Em importancia de questões medicas não ha meio termo.

Que auxilia pois a anatomia pathologica no conhecimento da determinação morbida?

E' preciso fazer uma distincção. Ha doenças puramente dynamicas, cuja determinação morbida é só funcional, e ha outras, em que á perturbação funcional vem juntar-se uma modificação nos humores, nos elementos dos tecidos, ou nos órgãos formados da reunião d'esses tecidos. Estão no primeiro caso as nevroses, certos fluxos, etc. Em todas estas doenças com effeito não tem sido possivel encontrar depois da morte alguma alteração somatica apreciavel, que dê explicação dos phenomenos observados durante a doença. Se alguma vez se tem encontrado lesão anatomica, a sua variabilidade, o seu apparecimento em casos diversos, provam, que não se ligam essencialmente á doença em questão. Se essa deficiencia depende da imperfeição dos nossos processos d'observação, ou se de facto o phenomeno é de sua natureza inaccessible a esta ordem de meios, é o que só o futuro poderá decidir. O que hoje podemos dizer, é que, como ha lesões funcionaes, que não se encontram ligadas a alteração alguma de estructura, somos até nova ordem forçados a admittir no quadro nosologico um bom numero de doenças puramente dynamicas. Concluir-se-ha d'aqui, que a anatomia pathologica nada aproveitou no estudo d'estas doenças? Não por certo: a mesma deficiencia dos dados anatomo-pathologicos serviu para confirmar a existencia das doenças puramente dynamicas, mostrando, que podia haver perturbação funcional sem lesão de estructura apreciavel, proposição, se não de interesse pratico immediato, pelo menos de grande valor na apreciação d'algumas theorias medicas.

O segundo grupo de doenças é, como dissemos, constituido por todas aquellas, que se acompanham d'um acto plastico, ou que dão origem a uma

modificação qualquer dos humores ou dos solidos. São as doenças denominadas organicas: não porque a alteração organica seja o facto primordial da doença, que esse é o estado morbido affectivo ou provocado: mas porque esse estado morbido traduz-se aqui por actos, cujos vestigios ficam impressos na trama organica. São estas o verdadeiro campo da anatomia pathologica, e o estudo das doenças organicas não pode considerar-se satisfactorio, senão desde a época, em que se tratou d'estudar a natureza e a sede da lesão somatica. As luzes, que dimanaram d'estas indagações não foram esclarecer só a therapeutica, mas diffundiram-se por todos os outros ramos das sciencias medicas. A identidade das alterações concorreu a fazer reconhecer a identidade dos tecidos, e vice-versa: da comparação das lesões com os symptomas tiraram-se induções para a determinação do functionalismo de certas partes: a autopsia mostrou, que muitas doenças aparentemente dynamicas ligavam-se a uma alteração organica, e creou-se uma nova symptomatologia para distinguir entre si as doenças idiopathicas, symptomaticas e sympathicas: racionalisou-se o tratamento de muitas doenças pelo conhecimento, que se obteve das lesões somaticas internas, que as acompanhavam, e puderam apreciar-se, o quanto estava ao alcance dos actuaes meios d'observação, todas as modificações d'humores ou de tecidos, fornecendo assim o conhecimento da sede das alterações muitos dados, e de importancia para o conhecimento do estado morbido.

Entre as doenças geraes ha muitas, pode dizer-se a maior parte, que dão origem a manifestas alterações nos liquidos ou nos solidos do organismo, ou em ambos conjunctamente: assim, por exemplo, o estado cachetico, que acompanha as affecções, que revestem o caracter chronico, como a syphilis, as escrophulas, o cancerismo; as lesões somaticas, ou alterações de nutrição, tumores, escrophulides, e exostoses etc. de que ellas são a causa; e assim tambem as erupções, e produções plasticas de formas variadas, que tem logar em muitas, das que revestem o caracter agudo, como na diphteria, na febre typhoide, etc. A anatomia pathologica mostrando, quaes eram os humores viciados, quaes dos seus principios constitutivos se achavam alterados, em que orgão as diversas affecções se manifestavam de preferencia, quaes os tecidos, sede d'este ou d'aquelle neoplasma, erupção, ulceração, não só enriquecia consideravelmente a historia das doenças e fornecia dados importantes para o diagnostico, mas illucidava a therapeutica, mostrando-lhe em cada um dos diversos elementos — acto morbido — uma fonte d'indicação, e indicação maior nos casos numerosos, em que nos falta o tempo ou os meios para sobrevir á indicação fornecida pelo elemento—affecção.

A cada passo encontraríamos as provas d'esta asserção, e para citar um exemplo bem conspicuo, bastará mencionar a doença, que hoje se designa geralmente pelo nome de febre typhoide ou dothienteria. E' sabida a con-

fusão, que antes dos trabalhos anatomico-pathologicos de Louis, Chomel e Bretonneau reinava sobre a classificação e denominação das febres graves. Guiando-se só pelas apparencias symptomaticas, cada author imaginara uma nova especie morbida a cada symptoma, ou a cada elemento, que viesse complicar aquella affecção. A pyretologia compunha-se de tantas especies distinctas, quantas eram as physionomias diversas, que podesse revestir uma pyrexia. As investigações cadavericas vieram depois mostrar, que muitos d'estes casos eram anatomicamente caracterisados por uma erupção furunculosa das glandulas de Peyer, alteração constante no meio de toda a variedade symptomatica. A idéa da localisação fazia furor n'essa época, e o systema de Broussais achava-se no seu apogeo: todas essas pyrexias passaram então á classe de inflammações, conglobadas debaixo do nome commum de gastro-enterites, enterites folliculosas, entero-mesenterites, que podiam revestir feições symptomaticas muito variadas. Esta idéa não pôde sustentar-se muito tempo: factos e rasões, que não vem aqui a proposito emittir, vieram logo protestar contra ella. As febres essenciaes reapareceram na nosologia, mas a idéa unitaria persistiu. A analyse anatomica tendo mostrado em muitas pyrexias, que se reputavam distinctas, uma alteração anatomica de marcha e forma constante, a analyse clinica tendo descoberto os caracteres d'um elemento distincto atravez de todos os outros elementos, que podessem vir complicar a marcha da doença principal, reconheceu-se então, que bom numero das febres designadas pelos nosologistas debaixo do nome de febres gastricas, putridas, nervosas, mucosas, biliosas, malignas, adynamicas, ataxicas, não eram mais que variedades da mesma especie nosologica, a que se deu o nome de febre typhoide, ou mais propriamente dothienetheria, que, em virtude de circumstancias geraes ou individuaes, se complicava d'outros elementos, que lhe faziam revestir aquellas feições variadas. A febre typhoide foi então considerada uma febre eruptiva, como as bexigas ou a escarlatina, das quaes se aproxima por muitos caracteres, mas com a differença de que, em lugar de se manifestar na pelle ou na mucosa buccal e respiratoria, a erupção principal dá-se n'este caso no tubo intestinal, no ileon, onde affecta especialmente as glandulas de Peyer. Estudou-se a marcha da erupção, os dias em que se manifestava, e em que costumava experimentar as suas phases successivas, os seus modos de terminação, as lesões e accidentes, que podia occasionar, e pôde assim no individuo vivo assistir-se á evolução da erupção intestinal, quasi com tanta certeza, como se se manifestasse exteriormente, e explicar todos os phenomenos funcionaes concomitantes. A therapeutica não podia deixar de aproveitar com estas noções. Reconhecendo-se impotente contra a affecção principal, vendo que não havia entre as medicações conhecidas alguma, que podesse reputar-se especifica do caso, limitou-se como em tantos outros, e mormente nas febres eruptivas, a conduzir a bom fim a marcha natural da doença, comba-

tendo os elementos, que a complicassem, prevenindo ou obviando os accidentes, que a viessem engravescer, e sobretudo não administrando medicações intempestivas, que podessem perturbar aquella evolução. Tudo isto deve-se á anatomia pathologica.

Muitos outros casos poderíamos apontar, em que os estudos cadavericos sobre a sede dos actos morbidos tem prestado reaes serviços e de immediata utilidade pratica. Tambem poderíamos citar outros, em que nada se tem adiantado, ou em que as noções obtidas se tem conservado estereis de resultados praticos, e assumpto de mera curiosidade. Não são todavia para desprezar. Em medicina nenhum conhecimento pode reputar-se inutil. Aquelles ficam sómente de remissa, até que novas investigações, mostrando as suas connexões com as outras partes do drama morbido, os venham fazer fructificar.

No estudo das doenças locais a divida não é por certo menor. Desde que se manifesta uma lesão organica, esta póde pela sua séde ser a causa provocadora de phenomenos mui variados, que simulem doenças puramente dynamicas, e reciprocamente symptomas semelhantes podem provir de lesões as mais diversas. Só á autopsia competia esclarecer a questão. Guiados unicamente pelas exterioridades symptomaticas, os antigos tinham muitas vezes confundido doenças as mais dissimilhanes, e separado outras que reconheciam uma origem commum. E' assim, que antes da época anatomica muitas alterações organicas do coração e grossos vasos se designavam por um nome commum. E' assim, que a asthma, o edema do pulmão, quasi todas as lesões do coração eram frequentemente confundidas, porque se revelavam por um conjuncto de symptomas muitas vezes semelhantes. E' assim, que as hydropesias eram muitas vezes reputadas idiopathicas, porque se não conheciam todas as causas internas, que as podiam provocar. O contrario succedia em outros casos. Guiados tambem pelos phenomenos funcçionaes, haviam feito da peritonite tantas doenças, quantos eram os órgãos contidos no abdomen. A multiplicidade e a diversidade d'órgãos revestidos por esta membrana inflammada dando origem a symptomas differenciaes numerosos, ao soluço, vomito, diarrhea, symptomas de cystite de enterite, fez-se de cada um d'este modo de sympathya uma doença, e multiplicaram-se os nomes nos quadros nosologicos. Confusão de ambas as maneiras, que só podia ser bem reconhecida depois das investigações necroscopicas. O conhecimento da alteração foi então substituido com vantagem ao das manifestações puramente symptomaticas: a consideração do elemento organico, as induções tiradas da autopsia corrigiram a significação dos elementos funcçionaes, e puderam desde então determinar-se melhor os factos, e distinguir ou aproximar os phenomenos morbidos.

De pouca vantagem seriam porém todas essas descobertas, se só depois da morte podessemos rectificar o nosso juizo, e não tirassemos dos estudos

necrosopicos alguma inducção para distinguir no vivo os casos confusos pelas apparencias symptomaticas: se a semeiotica não podesse tirar partido das noções fornecidas pela anatomia pathologica. Não succedeu porém isso. O problema semeiotico illucidou-se, e o diagnostico adquiriu em precisão tudo quanto comportavam essas luzes. Da confrontação dos symptomas com as lesões somaticas poderam melhor avaliar-se as suas relações mutuas, e distinguir-se com mais aproximação casos pathologicos d'alguma semelhança phenomenal exterior: do estudo comparado das alterações achadas nos diversos órgãos com as circumstancias d'idade, sexo, temperamentos, predisposições, etc. chegou-se a conclusões, que, se não podem muitas vezes conduzir a uma certeza absoluta em diagnostico, auxiliam-n'o todavia com o argumento da probabilidade. Inventaram-se instrumentos, que fizessem penetrar a vista em reconditas cavidades: descobriram-se reactivos, que pelas alterações dos humores permittissem ajuizar do órgão lesado. Mas o que sobretudo mais concorreu a adiantar este ponto da semeiotica, foi ainda sem contestação a immortal descoberta de Laennec. A comparação dos dados sthetoscopicos com as noções fornecidas pela anatomia, physiologia e physica permittiu avaliar da sede, muitas vezes da natureza das lesões internas, e assistir á sua evolução, como se as tivessemos debaixo dos olhos. Ajuizou-se do local precisamente affectado, da extensão da lesão, da sua gravidade e marcha, melhor do que se fazia com os symptomas externos, muitas vezes fallazes, e pouco em harmonia com o estado interno, que nem sempre traduzem com fidelidade. Explicou-se o desenvolvimento, a cura, as recrudescenças, as complicações de muitas doenças, que antes da época anatomica não tinham interpretação satisfactoria.

Não é preciso exemplificar. Estas doenças são tam communs, e estes meios d'observação tam commumente applicados, que não ha ninguem, que não tenha podido apreciar por si mesmo as vantagens, que lhe ministram. Devem tambem ter soffrido decepções: mas onde é que as não ha? A anatomia pathologica não veio resolver o problema pathologico: veio auxiliar a sua solução, e o que se não póde negar, é que foi um dos mais poderosos auxiliares. Essa precisão de diagnostico, em que a medicina moderna tanto se ufana da sua preeminencia sobre a medicina antiga, a quem a deve, senão á observação organica?

SECÇÃO 2.^a

THERAPEUTICA

I

Contraria Contrariis — Similia Similibus

«Miscellanea incoherente d'opiniões tambem incoherentes, a materia medica é talvez de todas as sciencias physiologicas aquella, em que melhor se traduzem os desvarios do espirito humano. Nem mesmo é uma sciencia para um espirito methodico. E' um amalgame informe d'idéas inexactas, d'observações pueris, de meios illusorios, de formulas tam extravagantemente concebidas, quanto fastidiosamente accumuladas.» (Bichat, Anat. Gen. Consid. gen. pag. 46).

Esta opinião emittida por Bichat ainda hoje tem applicação. Basta lançar os olhos para esses annuarios de therapeutica, os mais bellos epigrammas, que podem fazer-se á medicina; para esse diluvio de formularios e pharmacopeas, que enxameam a bibliographia medica, e que, á maneira de armazens de fato feito, vem recheados de formulas já adaptadas e accommodadas para todos os casos individuaes, desde a incrível triaga até os elixires, electuarios e cozimentos compostos mais indigestos e repugnantes; para os jornaes de medicina, cujas columnas vem quotidianamente repletas de novidades therapeuticas, e especificos para todas as doenças possiveis; e até para os jornaes extra-scientificos, na quarta pagina dos quaes a industria medica mercadeja insolentemente com a credulidade do publico. Ha ahi com que fazer trepidar as mais robustas convicções. E todavia todos elles querem escudar-se com a magica palavra da experiencia: todos, desde o reformador menos confiado na natureza até o expectante, que é capaz de ver um esforço salutar na morte: desde o empirico, que não hesita em ingerir uma drogaria no estomago da creatura d'organisação mais delicada, até o rotineiro, que quer abonar com a sua prática os prodigiosos effeitos da mais insignificante tisana. E' bastante vezes o caso de perguntar com Bordeu,— «*de quel droit ils ont vu.*»

A rasão d'esta desordem é obvia. Não havendo relação fixa entre medicamento e doença, a acção physiologica dos medicamentos, unica base racio-

nal da therapeutica, sendo ainda tam pouco conhecida, problema complicado de tantas incognitas, as modificações intimas do organismo no estado morbido sendo um estudo todo por fazer, cada um foi assentar os motivos da sua conducta em hypotheses mais ou menos extravagantes sobre a natureza das doenças, em theorias da sua lavra sobre a acção medicamentosa, em analogias bastantes vezes disparatadas, ou na base puramente empirica, origem d'algumas verdades, mas causa tambem de tantas illusões. É assim, que o humorista imaginou os depurativos, os sudorificos, os evacuates de toda a especie, para purificar as crases viciadas, e expellir as materias morbificas por todos os emonctorios possiveis: que o mecanicista inventou toda a classe de fundentes, desobstruentes, incrassantes, e outros proprios a dar ás peças da macina as propriedades physicas necessarias para um regular exercicio: que o chimista administra as suas preparações para neutralisar, decompor, ou dissolver os principios, que lhe suggeriram as suas theorias de laboratorio, como se os instrumentos da vida fossem uma collecção de retortas e alambiques inertes: que o polypharmaco imagina combinações monstruosas, porque n'uma *descarga de metralha*, como diz espirituosamente o dr. Forget, é possivel que alguns projecteis vão ferir o inimigo: que n'uma esphera mais elevada o rasorista, o brownista, etc. applica os tonicos ou os contra-estimulantes, segundo a idéa que, cada um formou da natureza da doença e do modo d'acção do medicamento: é assim, finalmente, que, desdenhando toda a theoria, toda a critica applicada aos factos. tomando per divisa o *post hoc, ergo propter hoc*, o numerista administra uma medicação qualquer, conta os factos, como se fossem tudo unidades da mesma especie, e tendo em conta de nada todas as circumstancias geraes ou individuaes, abona a sua pratica com o soberano argumento da estatistica, que só nas mãos de seu author é que prova o que elle quer. Quem não conhece a este respeito as estatisticas da expectação nas pneumonias, que se alguma cousa provam, é bem pouco a favor da intervenção activa, as estatisticas homoeopathicas, as de sangrias *coup sur coup*, e essas tam decantadas de febre typhoide e do rheumatismo articular agudo, que só serviram para mostrar a nossa impotencia contra o elemento principal d'estas affecções?

E' sobre estas bases, que se tem constituido a materia medica. Acertou-se realmente muitas vezes; outras muitas pareceu, que se acertou, e assim se foi enriquecendo o catalogo dos medicamentos. Feitas e consolidadas as acquisições praticas, rejeitaram-se em these geral as theorias, de que dimanavam, mas o que é notavel, é, que as applicações especiaes ainda hoje se fazem frequentes vezes com o intuito de satisfazer o fim, a que se propunham aquellas theorias deficientes. Chama-se a isto fazer *electismo*. É assim, que se dão ainda os depurativos, com o fim de expurgar das materias morbificas; os sudorificos para restabelecer *transpirações supprimidas*,

em casos, em que o suor escorre em grossas bagas do corpo do doente: dão-se alkalis para neutralisar acidos, acidos para neutralisar alkalis, phosphato de cal para dar consistencia aos ossos, menstruos para dissolver os calculos, mercurio para fluidificar, iodo para solidificar, nitro para oxygenar, tartaro emetico para desoxygenar, que sei eu? Uma das ultimas novidades therapeuticas é a administração do bromio na diphteria *às gottas*, porque se viu, que elle *às onças* tinha a propriedade de dissolver n'uma capsula as pseudo-membranas. Oxalá que o resultado pratico seja feliz, independentemente da theoria bastarda, que presidiu a tal concepção.

Disseramos, que não se conhecia ainda hoje uma relação constante entre a acção physiologica e a acção therapeutica dos medicamentos: estamos ainda muito atrazados tanto sobre as modificações, que imprime a acção medicamentosa, como sobre o modo d'actuar das causas morbificas, para que possamos sempre deduzir o effeito curativo da acção physiologica, e muito menos formular uma lei unica, que abranja todos os casos pathologicos. Assim é de facto. Ha porém certos principios therapeuticos, que vulgarmente se consideram a divisa de escolas oppostas. Referimos-nos ao *Similia similibus*, suprema lei therapeutica em homœopathia, e ao *contraria contrariis* e *alia aliis*. que por opposição muita gente suppõe caracterisarem a medicina, que imprópriamente se baptizou com o nome de *Allopathia*. É a nosso pezar, que damos aqui este nome á escola medica das nossas convicções: servirá sómente para a distinguir das outras, sem involver a idéa de suprema lei therapeutica. Nós não somos homœopatha, nem allopatha, nem isopatha, nem antiphata, nem hydropatha: somos medico, e como tal reconhecemos todas as leis, que da observação esclarecida do homem são e doente se deduzam, porque essas leis não podem senão auxiliar-se; nunca contradizer-se.

Alia aliis não é lei nem principio de escola nenhuma: é a expressão da ignorancia, em que infelizmente estamos ainda sobre a acção curativa de muitos medicamentos: quer dizer, que em medicina obramos algumas vezes empiricamente, e não conhecemos theoria, que nos racionalise a applicação, a não ser a experiencia muitas vezes repetida: não é pois a expressão d'uma lei; é a expressão d'um facto, que confiamos, que os progressos de sciencia tornarão cada vez mais raro.

Contraria contrariis pode já considerar-se uma lei, uma indicação de conducta, e tam natural, que se podia estabelecer á priori: é o senso commum applicado á medicina: é a primeira cousa, que lembrava fazer á vista d'uma doença qualquer. Que haverá de mais bem indicado, que collocar o individuo doente em circumstancias oppostas áquellas, que produziram a doença? Que haverá de mais racional, que tentar produzir no organismo uma modificação opposta áquella, que produziu a causa morbifica? Que ha de melhor a fazer, quando se não conhece a doença, ou que se vê pela pri-

meira vez? E se a razão não bastasse a attestar a veracidade do principio,ahi estariam os factos a comproval-a quotidianamente.

Similia similibus tambem é uma outra lei, que exprime uma certa ordem de factos, mas que já se não podia determinar a priori: devia nascer, da observação. Notou-se, que, em certos casos de manifestações localisadas, dava resultados vantajosos a applicação na sede da manifestação d'alguns meios, que originavam actos morbidos da mesma ordem: creou-se assim a medicação substitutiva, que hoje occupa uma parte tam importante nos tratados de therapeutica: estendeu-se depois a muitos casos idoneos, e se hoje não podemos indicar com exactidão todos os actos morbidos, a que ella seja applicavel, podemos determinar alguns, em que é absolutamente inapplicavel. *Alia aliis, contraria contrariis, similia similibus*, não são pois supremas leis de therapeutica: são a simples traducção de factos, que se não contradizem, a expressão da conducta racional ou empirica, que o medico não systematico segue no tratamento dos diversos casos morbidos. Todos entram no dominio da medicina allopathica se assim lhe quizerem chamar.

Vai longe d'isto a ver como a homœopathia no principio *similia similibus* a formula geral, que exprime uma relação constante entre o medicamento e a doença; a lei que racionalisa, e de que derivam todas as applicações therapeuticas. Para asseverar uma proposição tam estranha, e que se acha em contradicção com innumeraveis verdades adquiridas para a sciencia, era necessario alterar completamente a theoria das doenças. Foi o que Hahneman fez. Creou uma pathologia e uma therapeutica novas. Na sua doutrina destaca-se sobre tudo uma nova idéa de medicamento, uma maneira singular de avaliar o estado morbido, uma theoria estranha de doenças chronicas, e uma opinião original sobre a acção medicamentosa. Não o seguiremos agora n'esses pontos, que nos parece constituirem o fundo original do systema, porque n'um trabalho da natureza do nosso seria bem deslocada uma dissertação sobre uma doutrina, que nenhuma relação mantem com a anatomia pathologica. Limitar-nos-hemos apenas ao exame do valor do *similia similibus*, como proposição, que lhe é commum com a medicina, que apesar da sua autocracia, se reconhece solidaria dos progressos da anatomia e da physiologia, da physica e da chimica.

A generalisação do principio dos *semelhantes* prende com a idéa, que Hahneman formou de doença. Esta, achando-se toda nos symptomas, variaveis para cada caso individual, acharia o seu especifico n'aquelle medicamento, que produzisse um conjuncto de symptomas semelhante. Dir-nos-hão que Hahneman sabia bem, que a doença não consistia só em symptomas, porque diz em alguma parte, que a causa efficiente, o motor d'esses symptomas é uma *aberração dinamica da nossa vida espirital, uma mudança immaterial no nosso modo de ser*, ou traduzido em linguagem menos ontologica e mais intelligivel, que a causa proxima da doença é uma modalidade anor-

mal do principio ou substancia, que preside aos phenomenos vitaes, idéa, como se vê, essencialmente vitalista, e sustentada por grandes mestres. N'elle porém não passou d'uma pura concessão theorica, que os Aphorismos do Organon e a sua prática continuamente desvirtuam. Nos aphorismos 6, 8, 10, 13, 67 e notas adjacentes, sempre declamando contra a medicina symptomatica, diz-nos todavia, que o conjuncto de symptomas é a expressão exacta da affecção, a unica cousa apreciavel ao medico, e que é inutil e superfluo o trabalho d'aquelles, que querem penetrar mais alem na historia das doenças. De modo que uma escarlatina deixaria de ser a mesma affecção, quando se revela só pela angina, ou por esta e uma erupção abundante: de modo que uma nevralgia é sempre no fundo a mesma cousa, ou dependa d'uma chlorose ou d'uma affecção paludosa: de modo que uma dyspnea reclama sempre o mesmo tratamento, quer dependa d'um catarrho, d'asthma, de tuberculisação, ou de lesão vascular, com tanto que se revele pelos mesmos phenomenos apparentes. O symptoma, o mais variavel dos phenomenos, porque depende d'uma infinidade de condições organicas e dynamicas, seria a principal fonte d'indicação. E note-se, que só se falla aqui de symptomas, que se revelam exteriormente; que todo o mundo póde apreciar: porque a respeito dos symptomas internos, as lesões organicas, que só a um medico é dado attingir, quer-nos parecer que a materia medica pura se veria bem embaraçada para os parodiar.

Uma das consequencias mais funestas d'um tal modo de vêr, é a vulnerabilidade, que mais que nenhum outro systema medico, a Homœopathia offerece ás invasões do charlatanismo. E' o que não poderão deixar de reconhecer ainda mesmo os medicos illustrados, que a praticam. Não seria preciso estudar medicina para a exercer: basta analysar miudamente os symptomas, comparal-os com as tabellas da materia medica pura, para achar o especifico do caso em questão: é trabalho que qualquer alphabeto póde fazer. A comprovar esta asserção estão ahi todos esses livros, que serão sempre o epitaphio das doutrinas, que querem propalar, e em cuja primeira pagina se offerece pôr a Homœopathia ao alcance de todas as pessoas, ainda as mais estranhas á medicina!

O principio *similia similibus* não é pois acceitavel na accepção homœopathica, independentemente d'outras proposições do systema, que tambem nos parecem controversas. Mas que diremos então ás estatisticas, aos factos? Não regeitamos nem uns nem outros: mas estatisticas medicas todos nós sabemos, o que são, e a heterogeneidade d'elementos, de que muitas vezes se compõe: e factos são argumentos, de cujo valor se tem abusado. Um facto não significa nem aproveita cousa alguma scientificamente, sem a sua interpretação. Ora é a interpretação homœopathica, que nós rejeitamos, substituindo-a por outra, que nos parece mais rasoavel. Porque á applicação d'uma idéa se seguiu um certo resultado, nem sempre podemos

concluir, que haja relação necessaria entre uma e outra cousa, mormente em medicina, em que o *post hoc ergo proter hoc*, é tão fallivel. Muitas descobertas uteis se tem feito pela applicação de theorias, que depois se reconheceram falsas, e a Homœopathia, conviremos, que para algumas concorreu.

Corollario therapeutico

Conhecida ou desconhecida a relação entre o medicamento e a doença, racional ou empirica a indicação, é evidente, que em todos os casos o conhecimento intrinseco e extrinseco da doença é a unica base segura do tratamento. Extrinseco, para a remoção ou neutralisação das causas, e outras circunstancias exteriores, que a provocaram, ou possam influir nocivamente na sua marcha. Intrinseco, pelo que toca ao individuo doente, e á doença em si, para a applicação d'aquelles meios, que as condições d'uma, e os actos constitutivos da outra reclamem. E' no que concordam todos os sistemas verdadeiramente medicos. O desaccordo começa na interpretação d'esses actos constitutivos: na determinação da natureza e sede da doença. E' essa tambem a causa das divergencias therapeuticas, e se, como diz Bichat, toda a doutrina influe necessariamente sobre a therapeutica, é certamente pelo modo, como considera estes dous elementos capitaes do diagnostico.

A anatomia pathologica debaixo d'este ponto de vista não podia fazer excepção: foi mesmo uma d'aquellas cuja influencia mais se fez sentir, o que se concebe perfeitamente pelas revoluções successivas porque foi passando a medicina, á medida que progrediam os conhecimentos organicos: e tudo o que teriamos a dizer ácerca da influencia passada ou presente da anatomia pathologica sobre a therapeutica, é simplesmente um corollario do que ahi deixamos dito, aquella sciencia aperfeiçãoando ou alterando o tratamento das doenças pelos aperfeçoamentos ou alterações, que ia trazendo ao diagnostico e ás theorias pathologicas.

No tempo de Bonet as autopsias serviam só de revelar as causas da morte: eram assumptos de mera curiosidade, destituídos d'utilidade pratica.

Para Morgagni as investigações necroscopicas tinham um fim mais elevado: illucidar a semeiotica, mostrando a relação entre as alterações e os symptomas: ensinando a traduzir nos phenomenos exteriores o estado interior. Encarada a questão por este lado, a therapeutica devia já ressentirse, e adquirir precisão na rasão directa do aperfeçoamento, que d'esta ordem d'estudos recebesse o diagnostico.

Com o novo impulso, que Bichat imprimira aos estudos organicos, a anatomia pathologica tornando-se sciencia independente, veio occupar o lu-

gar importante, que definitivamente lhe pertencia na hierarchia dos conhecimentos de mais immediata utilidade para a medicina: e a luz que derramou sobre muitos problemas hygidos e pathologicos, o estudo da formação e desenvolvimento dos productos organicos, a avaliação da natureza d'estas pela dos tecidos em que se davam, e a determinação da sede morbida, foram tudo aquisições, que, aperfeiçoando o estudo do homem são e doente, deverão necessariamente influir sobre a therapeutica.

Depois de Bichat a anatomia pathologica exaggerou o seu principio. De auxiliar tornou-se legisladora. Fôra o nucleo, de que sahiram as duas escolas, que dominaram a medicina no primeiro terço do seculo actual. A pathologia e a therapeutica foram revolvidas desde os seus fundamentos. Os seus principios foram successivamente negados e affirmados debaixo do mesmo ponto de vista. Para Broussais todas as alterações de tecidos são identicas no fundo: a inflammação era o facto inicial e caracteristico, e as suas differenças dependiam de puras circumstancias accessorias: não haviam doenças geraes nem especificas: todos os actos morbidos podiam reduzir-se a duas modalidades quantitativas d'acção vital, quasi a uma, e o problema diagnostico reduzia-se a determinar, qual era a parte lesada, e qual o grau da perturbação. Com a especificidade nosologica abolia-se a especificidade therapeutica: as medicações reduzia-se a duas, e o problema therapeutico consistia em determinar, qual o grau de modificação medicamentosa a oppôr á quantidade reconhecida de modificação morbida. Ora como esta na generalidade dos casos era uma exaltação da acção vital, uma inflammação, a indicação era quasi sempre a debilitante: d'ahi o predomínio supremo das depleções sanguineas, das bebidas diluentes, e das tisanas emollientes. Do ponto de vista anatomico a escola physiologica abolia toda a nosologia e therapeutica, porque estas fundam-se em differenças essenciaes entre as doenças e os medicamentos, que não podem consistir em puras modificações quantitativas. Ao contrario para a escola anatomo-pathologica todas as alterações eram primitiva e essencialmente especiaes. Reagindo por um outro excesso ao excesso de Broussais, foram todas consideradas modificações organicas, *sui generis*. A natureza e a sede da alteração eram os pontos capitaes do diagnostico. As consequencias tambem eram oppostas. Com a especie em pathologia voltavam as medicações especiaes. Para cada doença um especifico. Do ponto de vista anatomico reconstituia-se a nosologia e a materia medica. D'um lado o dogmatismo, do outro o empirismo absolutos, eram as legitimas conclusões do dilema, em que o *anatomismo* havia collocado a medicina.

Os progressos subsequentes da sciencia organica vieram depois revelar os erros, a que a exaggeração d'algumas verdades parciaes havia conduzido. As verdades antigas, um momento offuscadas e esquecidas, foram mais uma vez sancionadas e confirmadas pela anatomia pathologica. Mais que nunca

se reconhecem hoje doenças geraes, diatheses, doenças especificas, lesões dynamicas, febres essenciaes, etc.: os estudos necroscopicos, livres da exaggeração systematica tomaram outra vez o lugar, que lhe competia em relação á clinica, e os seus progressos tem sido rapidos, graças aos meios d'observação, que a physica e a chimica põe quotidianamente á sua disposição. Os proveitos, que a therapeutica tira d'estes estudos são indirectos, mas reaes, tanto quanto o são os aperfeiçoamentos, que d'elles recebe o diagnostico, porque é só por meio d'elle, que a anatomia pathologica pôde influir no tratamento das doenças. A therapeutica não tendo pois connexão alguma directa com a anatomia pathologica, e reconhecendo por base a experimentação physiologica ou a experimentação clinica applicada a cada um dos elementos morbidos, o que teríamos a dizer sobre as suas relações, é meramente um corollario da secção precedente. Se na determinação da indicação principal, deduzida as mais das vezes da natureza da doença, a anatomia pathologica é um mero auxiliar dos outros elementos de diagnostico, por que se attinge esse conhecimento, são completamente subsidiarias d'ella todas as indicações maiores ou secundarias, que possam deduzir-se da séde, da causa provocadora, e algumas vezes da marcha do acto morbido. A sentença d'incurabilidade, ou de resistencia aos nossos recursos actuaes da therapeutica medica ou cirurgica, que ás vezes pronuncia, pôde tambem ser de vantagem, prevenindo o damno, que causariam medicações intempestivas. São serviços, que bastariam a collocar a anatomia pathologica no numero d'aquellas sciencias, cujo conhecimento é mais indispensavel ao medico, alem do muito, que ha ainda a esperar d'uma tal ordem d'investigações. O estudo combinado da anatomia e da physiologia pathologicas, e a sua comparação com as noções do estado hygido, deve fazer sobresahir cada vez mais as relações d'estas duas partes da sciencia do aggregado humano: o empirismo clinico, esta grande lacuna da medicina, irá então cedendo o passo a uma pratica racional, esclarecida pelo conhecimento das leis vitaes, e cada vez se aproximará mais da realisação este supremo ideal da therapeutica.

Fim

PROPOSIÇÕES

1.^a

Anatomia Pathologica — Não ha elementos especificos: todas as neoplasias são substituições por elementos histologicos do mesmo ou de diferente grupo physiologico.

2.^a

Physiologia — E' physiologicamente impossivel a compressão do cerebro por simples congestão sanguinea.

3.^a

Pharmacologia Geral — A acção medicamentosa é sempre vital.

4.^a

Pathologia Geral — O augmento da fibrina no sangue não é signal essencial nem constante da inflammação.

5.^a

Philosophia Medica — A Philosophia Escoceza é aquella, cujo espirito melhor se adapta ao genio das Sciencias Biologicas.

6.^a

Molestias de Puerperas — Não póde demonstrar-se morphologicamente a existencia da infecção purulenta: o aspecto puriforme do sangue em algumas doenças do estado puerperal é devido a leucocythemia.

Vista. Póde imprimir-se.
Costa Leite, Presidente.

Imprima-se.
Antonio Ferreira Braga.
Servindo de Director.

Porto, Julho de 1863.